

vida pastoral

novembro-dezembro de 2025 – ano 66 – número 366



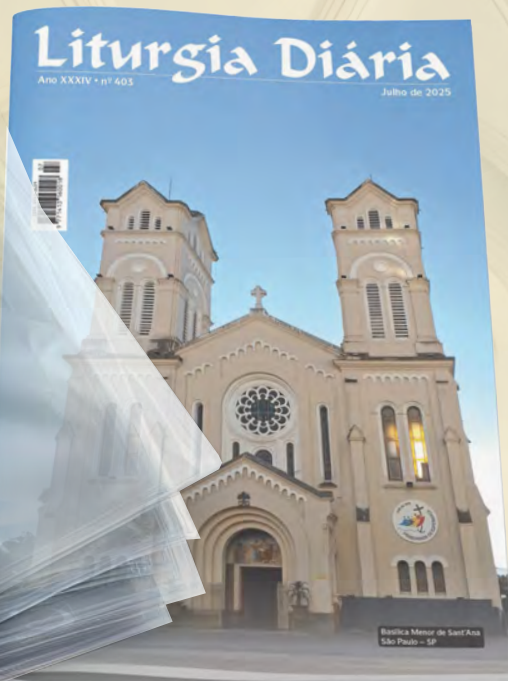
**O LEGADO
DO PAPA
FRANCISCO:**
um pontificado
da ternura e da
misericórdia



Assine a **Liturgia Diária** e ganhe uma capa plástica exclusiva*

IDEAL PARA
PROTEGER
SEU EXEMPLAR!

Aprofunde sua fé com quem caminha
com você todos os dias.



Os assinantes dos periódicos, além da qualidade das publicações, têm benefícios:

- 10% de desconto em publicações da Editora; **
- Uma parcela a mais em suas compras a prazo; ***
- Assinatura anual com frete incluso;
- Promoções exclusivas para assinantes;
- Mais descontos para assinatura em grupo.



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @ @ @editorapaulus



**ASSINE
AGORA**

*Válido enquanto durar o estoque. Capa compatível com edições de tamanho tradicional. Apenas uma por assinatura.
** Exceção Bíblias, importados, coedições e periódicos.
*** Compras realizadas no tele vendas, nas livrarias físicas, pelo chat no site e através dos vendedores externos.

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

vida
pastoral

Obrigado, papa Francisco!

Como não se recordar com alegria daquela quarta-feira, 13 de março de 2013. Chovia e fazia frio em Roma. Acompanhávamos pela TV o movimento na praça de São Pedro. A multidão, com guarda-chuvas abertos e *smartphones* ligados – pareciam velas acesas –, aguardava o anúncio do novo papa.

Após o solene “*habemus papam*”, sob aplausos surge na varanda um senhor de sorriso discreto, com olhar quase assustado e aparente leveza, no vestir e no falar. Para quebrar o gelo da formalidade, em tom bem-humorado, depois de um “*buona sera*” (boa noite) com sotaque, brinca: “Parece que os cardeais foram buscar o papa no fim do mundo”. Jorge Mario Bergoglio, que doravante se chamaria Francisco, referia-se à sua terra natal, Argentina.

O “fim do mundo”, para além de uma frase com humor, pode ser lido na perspectiva da ruptura quanto às sucessivas escolhas dos papas na vitrine eurocêntrica. O deslocamento da escolha para a América Latina foi, de fato, um giro para a periferia do mundo.

Desse “fim do mundo” quis o Espírito Santo dar novo impulso à sua Igreja na figura do carismático, corajoso e ousado Francisco. A escolha do nome seria o primeiro sinal de que o seu pontificado imprimiria um ritmo de diálogo, simplicidade, austeridade e reformas contundentes na complexa estrutura da Cúria romana. No século XIII, o Pobrezinho de Assis, o Francisco que inspira Bergoglio, sentira o mesmo apelo: “Reconstrói a minha Igreja”.

O famoso lembrete proferido pelo cardeal dom Cláudio Hummes (*in memoriam*) a Bergoglio, de que “não se esquecesse dos pobres”, evoca a mesma recomendação dada ao apóstolo Paulo nos primórdios da propagação do Evangelho: “Nos recomendaram apenas que não nos

esquecêssemos dos pobres, o que também tenho me esforçado por fazer” (Gl 2,10).

Nos doze anos do seu pontificado, o esforço de Francisco não foi outro senão a preocupação, em primeiro lugar, com os preferidos do Senhor: pobres, migrantes, refugiados e todos os que vivem nas periferias geográficas e existenciais. A preocupação com os desafiantes problemas da “Casa Comum”, com a fraternidade universal, com o pacto pela educação e com uma economia que esteja a serviço do cuidado da humanidade e da criação em geral revela o coração do papa.

Na fase aguda da pandemia da covid-19, Francisco – que, embora rezasse sozinho na praça do Vaticano vazia, levava em seu coração toda a humanidade, assustada com o vírus – suplicou ao Senhor pela cura, pela consolação, pela vida plena. Aos chefes das nações foi contundente: que, antes da preocupação com o mercado, atendessem às necessidades dos que mais precisassem.

Em sua última encíclica, *Dilexit Nos* – “Amou-nos” –, sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus, resgata o símbolo do coração como núcleo integrador do ser humano e critica a sociedade atual, marcada pelo consumismo, pelo narcisismo e pela “lógica do mercado”, que reduz a dignidade humana à capacidade de consumo.

O “rezem por mim”, pedido frequente de Francisco, desde a sua primeira aparição na sacada do Vaticano, convoca-nos para uma vida de oração e para uma Igreja verdadeiramente sinodal, o sonho do papa. O seu legado nos inspira sempre em nossa pastoral, numa Igreja em saída, acolhedora, compassiva e repleta de ternura para com todos.

Obrigado, papa Francisco!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para ministros ordenados
e agentes de pastoral

Ano 66 - Nº 366
novembro-dezembro de 2025



© PAULUS – 2025
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação

vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagens

© Vatican Media
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação

Andrea Cristina Florez Marin

Revisão

Alexandre Santana
André Odashima

Impressão - PAULUS

Versão digital

vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

SUMÁRIO

FRANCISCO, UM ARAUTO DA ALEGRIA

Prof. Dr. Faustino Teixeira 4

A “PRÁXIS DA ACOLHIDA” COMO BASE DA EXPERIÊNCIA PASTORAL DO PAPA FRANCISCO

Prof. Dra. Alzirinha Rocha de Souza 10

PAPA FRANCISCO E O LEGADO HUMANISTA DA COMUNICAÇÃO

D. Valdir José de Castro, ssp 18

PAPA FRANCISCO, OS POBRES E O OLHAR DE DEUS

Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior 24

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Ir. Dra. Izabel Patuzzo

Prof. Ms. Celso Loraschi

Ir. Dra. Zuleica Aparecida Silvano 32

FAÇA SUA ASSINATURA!



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

Para mais informações, entre em contato:

paulus.com.br/loja

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

📞 (11) 3789-4000

✉ assinaturas@paulus.com.br

📱 @editorapaulus

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua da Bahia, 1136 – Ed. Arcângelo Maletta
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136 – Ed. Arcângelo Maletta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR

Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01 – Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilhos, 2029
(54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599 – Centro
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119 – Centro
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523 – Centro
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 – Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIO – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Rua Camboa do Carmo, 83
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111–B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
(86) 3142-1295 / 99935-0001
teresina@paulus.com.br

UBERLÂNDIA – MG

Av. Cesário Alvim, 757 – Loja 1 – Centro
(34) 2512-4358
uberlandia@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



FRANCISCO, UM ARAUTO DA ALEGRIA

O artigo busca apresentar, de forma sintética, os grandes passos que marcaram o pontificado de Francisco, traduzindo uma experiência singular de Igreja atenta aos sinais dos tempos.

INTRODUÇÃO

No dia 21 de abril de 2025, o mundo perdeu uma de suas mais vibrantes e proféticas testemunhas do Evangelho. Francisco partiu, deixando um lindo legado a todos nós, a memória de uma vida voltada inteiramente para a imarcescível busca de um mundo diverso e de uma Igreja peregrina. Iniciou seu pontificado com 76 anos de idade, em 13 de março de 2013. Foram, portanto, treze anos de intensa atividade missionária, guiada pela luz do Evangelho. Foi o primeiro papa jesuíta e o primeiro a vir da América Latina – ou, como ele gostava de dizer, do “fim do mundo”. Sua vida pode muito bem ser resumida nas palavras de Pedro, nos Atos dos Apóstolos: passou a vida “fazendo o bem” (At 10,38).

1. A convocação à fraternidade em Lampedusa

Em seu precioso magistério, Francisco realizou 47 viagens, visitando 65 países. Ele quis sinalizar o início de seu pontificado com um gesto de “fraternura”. Sua primeira viagem apostólica foi a Lampedusa, a ilha-símbolo do drama dos migrantes no Mediterrâneo. Isso ocorreu no início de julho de 2013. Quis começar sua missão com um

testemunho preciso, em uma grande periferia existencial. Sua homilia naquela ilha de deserdados foi repleta de simbolismos, a começar do altar feito de barcos dos emigrantes, bem como da grinalda de flores jogadas ao mar. Ali também ocorreu o gesto bonito do abraço aos jovens que sobreviveram numa das viagens do desespero.

Em sua homilia em Lampedusa, Francisco lembrou os emigrantes mortos no mar, numa viagem que poderia ser “rota de esperança”, mas se transformou em tragédia para milhares. Em Lampedusa delineou-se o rumo de seu pontificado, inteiramente voltado para os outros, sobretudo para os excluídos, pobres e humilhados. Começa seu pontificado com a surda pergunta, que vem do Primeiro Testamento: “Onde está o teu irmão?” (Gn 4,9). Trata-se de pergunta que se volta a todos e que denuncia a perda “do sentido da responsabilidade fraterna”, num mundo marcado pela indiferença e pelo desgaste da compaixão. Francisco denunciava ali, logo no início de seu pontificado, o que nomeou como a “globalização da indiferença” e convoca o mundo para o desafio decisivo da fraternidade.

A mesma história de Caim e Abel e a provocação em favor da fraternidade serão

*Faustino Teixeira é professor titular aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tendo trabalhado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Hoje ministra cursos de literatura e cinema no Instituto Humanitas da Unisinos, bem como atua no Portal Paz e Bem. E-mail: dutiguera@gmail.com

retomadas em homilia na Casa Santa Marta, em 13 de fevereiro de 2017.¹ Na celebração matutina, Francisco nos lembrou que as inimizades começam com coisas pequenas e depois crescem de forma incontrolada. Assim também se deu com a história da humanidade, em que o sangue de tantos irmãos clamam aos céus, sobretudo o grito dos mais pobres. Tudo começa com um sentimento de separação do outro e se conclui com uma “guerra que mata”. Francisco vai identificar esse sombrio horizonte como uma “terceira guerra mundial em pedaços”.

Por ocasião da trágica epidemia de 2020, Francisco retratou a situação de fragilidade e vulnerabilidade que marca o ritmo da humanidade no mundo, desvelando as seguranças supérfluas e ineficientes. Refletiu que todos estamos juntos no mesmo barco, sempre à espreita de novas e inesperadas tempestades. Lembrou também que a epidemia era um sinal evidente da necessária e imponderável importância de reajustar a rota do mundo, no caminho de uma nova solidariedade e esperança.²

2. Uma rota delineada na visita ao Brasil

A primeira viagem de Francisco ao exterior teve como destino o Brasil, no final de julho de 2013. Numa de suas homilias no país, realizada em cerimônia na basílica do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, no dia 24 de julho de 2013, Francisco delineou, de forma precisa, a rota de seu itinerário. Ele falou ali sobre os caminhos que se abrem para um mundo mais justo, solidário e fraterno. Mencionou três simples posturas que se apresentam como desafio pastoral: conservar a esperança, deixar-se surpreender por Deus e viver na alegria (Francisco, 2013b, p. 23-25).

¹ Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170213_historia-caim-abel.html. Acesso em: 29 maio 2025.

² Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html. Acesso em: 29 maio 2025.

Considero esses três passos como essenciais para entender o pontificado de Francisco. Em diversos momentos de seu pontificado, ele falou sobre a importância de manter acesa a esperança, ainda que se divise todo um horizonte embaçado ou bloqueado. Apesar de tudo, nada é mais essencial do que manter viva a esperança no coração. Junto com a esperança, a alegria, que talvez seja a grande força inspiradora da ação profética de Francisco. Ele disse, no Brasil, que a alegria é algo contagiante e que se irradia por todo canto, acrescentando que nenhum cristão pode se mostrar pessimista. Por fim, a abertura à gratuidade de Deus. A vida do cristão, a seu ver, deve estar sempre marcada por uma disponibilidade única, que é “deixar-se surpreender por Deus”.

Em entrevista concedida ao padre Antonio Spadaro, em agosto de 2013, Francisco falou sobre a necessária “atitude contemplativa” que deve animar todo cristão. Nada mais nocivo, a seu ver, do que uma visão encerrada em certezas dogmáticas. O cristão é alguém que se põe sempre em busca. Sublinhou que, “se uma pessoa diz que encontrou Deus com certeza total e não aflora uma margem de incerteza, então não está bem” (Francisco, 2013c, p. 27). Trata-se de chave fundamental indicada por Francisco no caminho da pastoral: manter sempre o coração aberto para as surpresas de Deus. Como ele o demonstrou com acerto, “os grandes guias do povo de Deus, como Moisés, sempre deixaram espaço para a dúvida”, mantendo firme a virtude da humildade (Francisco, 2013c, p. 28).

3. A convocação à alegria

O eixo angular do pontificado de Francisco foi a alegria, com base no ensinamento do Evangelho. Foi com a chave da alegria que ele abriu um de seus mais bonitos escritos, a exortação *Evangelii Gaudium* (EG), sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. A grande referência de Francisco em toda a sua

atuação missionária foi o Evangelho e, junto com ele, a inspiração no Jesus narrado. Francisco tinha plena consciência de que o Evangelho nos convoca permanentemente à alegria (EG 5). Foi assim que Lucas falou do anjo anunciando o nascimento de Jesus: “Eis que eu vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo” (Lc 2,10). Essa alegria, como lembrava Francisco, não desconhece a dor ou o sofrimento, mas é uma “alegria pascal”, que ocorre também em circunstâncias duras da vida. Há que aprender a “dançar sobre os escombros”, como diz Matilde Campilho, uma jovem poeta portuguesa. Jesus mesmo promete aos seus discípulos um horizonte alvissareiro: “Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há de converter-se em alegria” (Jo 16,20).

Nos diversos momentos de seu pontificado, tanto em homilias quanto em mensagens ou audiências gerais, Francisco sempre recorreu aos Evangelhos. Foram as narrativas de Jesus as que mais o inspiraram em seu caminho profético. Em sua visão, o anúncio evangelizador não pode ser “morno”, mas deve ser algo que provoca o aquecimento do coração. Trata-se de proposta simples, humilde, mas profundamente irradiante.

A grande surpresa do pontificado de Francisco, como mostrou o cardeal Walter Kasper, não estava simplesmente nas inovações realizadas por ele, mas sobretudo na “eterna novidade do Evangelho” (Kasper, 2015, p. 16). Também com base no Evangelho, Francisco deu curso à sua esplêndida dedicação à mensagem da misericórdia. Não se cansava de retomar em suas falas o traço da infinita misericórdia de Deus, que não exclui ninguém de seu abraço envolvente. No início da *Evangelii Gaudium*, Francisco nos lembrava que “Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir sua misericórdia” (EG 3).

4. Uma Igreja em saída

Foi no rastro da alegria e da misericórdia que Francisco delineou a missão de uma Igreja

A ESPERANÇA CRISTÃ

Papa Francisco



CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Este volume reúne todas as catequeses sobre a esperança cristã, uma das virtudes que sustentam a vida de fé. Com linguagem simples, ajuda você a viver a esperança no dia a dia.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

em saída. Sua visão de evangelização foi na linha da perspectiva aberta por São Paulo VI, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975), segundo a qual evangelizar é “tornar nova a própria humanidade” (EN 18). Na visão de Francisco, a Igreja deve sempre estar com “as portas abertas” e seguir a trilha dos outros. Seu lugar preferencial é nas “fronteiras”, vivendo com audácia o testemunho do Evangelho (Francisco, 2013c, p. 33-34). Para ele, a Igreja precisa estar próxima do outro, sobretudo dos mais excluídos, atuando na acolhida e na hospitalidade, como num “hospital de campanha”. Trata-se de Igreja que se mostra nos pequenos e significativos gestos de cuidado, sendo capaz “de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis”. Há que, em primeiro lugar, testemunhar a misericórdia de Deus. Antes de dizer qualquer palavra, estar próximo do outro e curar suas feridas (Francisco, 2013c, p. 19).

Na busca desse jeito novo de ser Igreja, procedimentos de transformação se fazem necessários, foi o que reconheceu Francisco. Essas mudanças não ocorrem abruptamente, mas requerem tempo. Daí a ênfase dada por ele no discernimento inaciano: um trabalho interior para conhecer melhor a vontade de Deus. Em seu itinerário pastoral, Francisco recorreu sempre ao discernimento, entendendo a necessidade de aguardar o tempo propício para lançar as bases de uma mudança significativa na vida eclesial. Assim, conseguiu realizar prodígios importantes, como a defesa da sinodalidade, o início de reforma na Cúria romana, a ampliação da presença

“*O eixo angular do pontificado de Francisco foi a alegria, com base no ensinamento do Evangelho.*”

feminina na Igreja e o reforço no protagonismo dos leigos. Animado por grande lucidez e coragem, ousou enfrentar os desvios na Cúria romana, bem como a visão “Vaticano-cêntrica” reinante em muitos domínios romanos (Francesco; Scalfari, 2013, p. 57).

5. Uma Igreja dialogal

Durante a visita ao Brasil, ao falar no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Francisco reiterou o caminho essencial do diálogo, em qualquer circunstância. Não há outro modo possível de seguir um caminho de vitalidade que não seja o diálogo. É no diálogo e na “cultura do encontro” que se firma qualquer crescimento (Francisco, 2013b, p. 82-83). As religiões, como sempre lembrou Francisco, são provocadas a viver o diálogo em profundidade. É em compasso dialogal que elas são capazes de contribuir, de forma singular, para a “construção da fraternidade” e para a “defesa da justiça na sociedade” (FT 271). São também poderosas forças na defesa da paz e no rechaço da guerra (Francisco; Al-Tayyeb, 2019).

O diálogo guarda em si seu próprio valor. Sua razão de ser encontra-se em si mesmo. Daí ser um equívoco querer buscar uma razão para ele ou querer entendê-lo como plataforma para a evangelização (FT 198). Na contramão de qualquer proselitismo, Francisco defendia radicalmente o direito da consciência humana. Cada pessoa tem o direito sagrado de obedecer à sua consciência. O dado fundamental, que conta de fato, é o testemunho de amor. Para Francisco, é no exercício do amor que se dá o verdadeiro encontro com Deus. Esse foi o caminho fundamental indicado por Jesus para encontrar o caminho da salvação e das bem-aventuranças (Francesco; Scalfari, 2013, p. 57).

Em profunda sintonia com o evento inter-religioso de Assis, ocorrido em 1986, Francisco retomou a ideia de que somos todos companheiros de uma mesma viagem fraterna, cujo rumo só Deus conhece. Somos todos

“companheiros de estrada”, como verdadeiros irmãos e amigos (FT 274). É no diálogo verdadeiro que se processa o conhecimento mútuo e o recíproco enriquecimento. Daí ser fundamental o despojamento e a disponibilidade para o outro: deixar-se hospedar por ele. Trata-se do essencial desafio da atenção, da escuta, da cortesia e ampliação do olhar. Como mostrou belamente Francisco, “o mundo vem percorrido por estradas que nos avizinham e distanciam, mas o importante é que nos levem em direção ao bem” (Francesco; Scalfari, 2013, p. 55).

6. O apelo da Terra

Talvez o maior legado deixado por Francisco em seu pontificado tenha sido a defesa da causa da Terra e a profunda reação contra os desmandos do Antropoceno, ou seja, contra a ação predatória do ser humano sobre a natureza. Lançou, com sua encíclica *Laudato Si'*, grave advertência contra os riscos catastróficos que cada vez mais vão se apresentar ao planeta caso não haja uma providencial mudança de rumo na dinâmica histórica. Mostrou com pertinência o traço que vincula o “clamor da terra com o clamor dos pobres” (LS 49). Foi corajoso ao fazer uma crítica precisa ao antropocentrismo despótico em curso, que acaba por desconhecer a profunda inter-relação entre o ser humano e as outras criaturas (LS 16; 92). Segundo Francisco, o ser humano não é o umbigo do universo, mas está inserido numa teia de relações que são essenciais. Advertiu que, dada essa interligação, cada criatura deve ser reconhecida com “carinho e admiração” e que “todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros” (LS 42). Em favor de uma nova atitude de reverência para com o meio ambiente, propôs uma conversão ecológica (LS 217), animada por uma espiritualidade do cuidado, seguindo o modelo de Francisco de Assis (LS 218). Na visão de Francisco, o cuidado da ecologia está profundamente

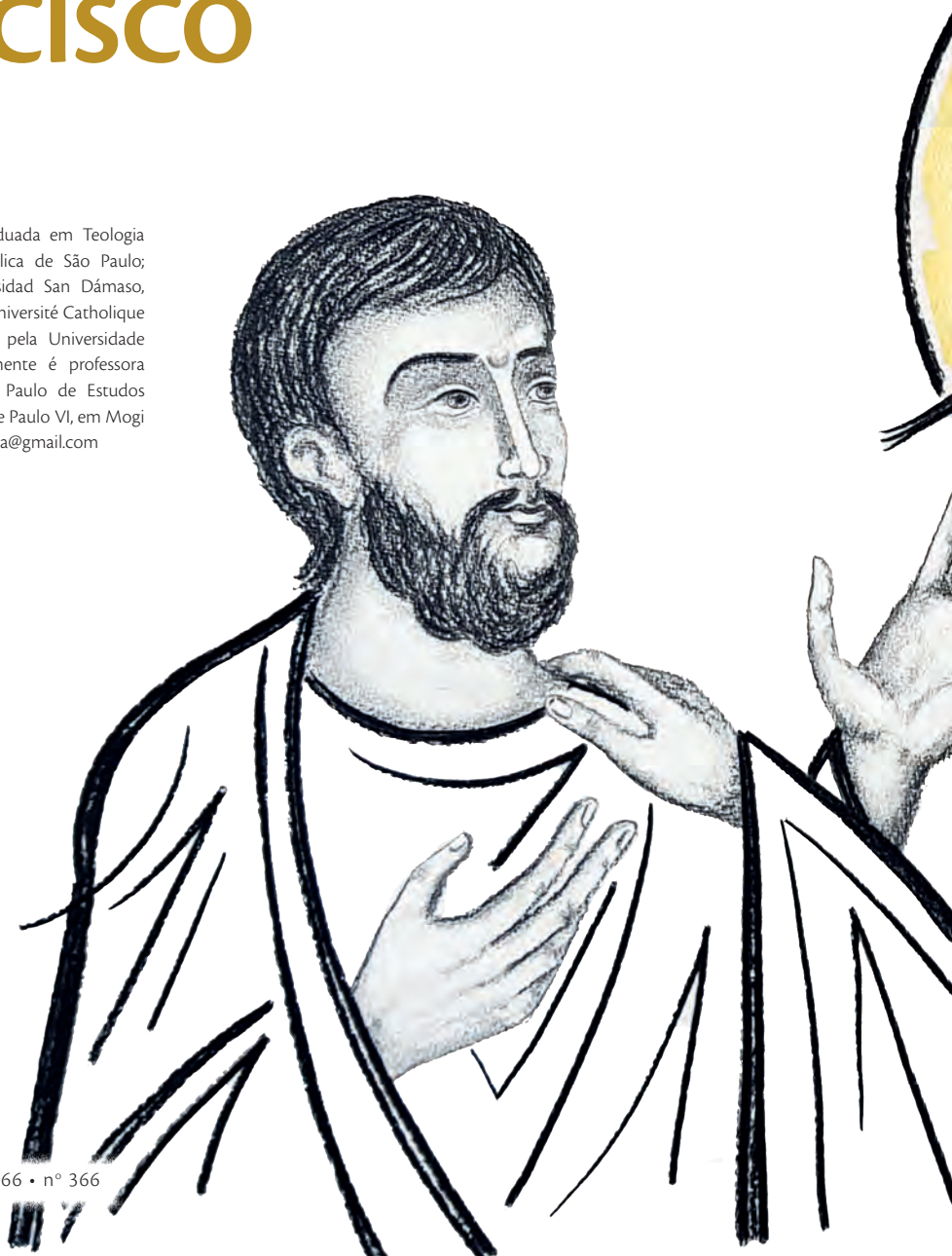
vinculado ao cuidado com o mundo interior e com a paz interior. A espiritualidade ecológica faculta um equilíbrio essencial, na linha de um “estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida” (LS 225). É algo que já vai acontecendo nos “simples gestos do cotidiano” (LS 230), revelando uma “cultura do cuidado”, bem como uma ampliação do olhar, que se revela capaz de perceber a presença do Mistério em todo lugar. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRANCESCO, Papa; SCALFARI, Eugenio. *Dialogo tra credenti e non credenti*. Torino: Einaudi; La Repubblica, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Entrevista exclusiva do papa Francisco ao pe. Antonio Spadaro*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013c.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG). São Paulo: Paulus: Loyola, 2013a.
- FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social (FT). São Paulo: Paulus, 2020.
- FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum (LS). São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO, Papa. *Palavras do papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013b.
- FRANCISCO, Papa; AL-TAYYEB, Ahmad. *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso em: 28 maio 2025.
- KASPER, Walter. *Papa Francesco: la rivoluzione della tenerezza e dell'amore*. Brescia: Queriniana, 2015.
- PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*: Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo (EN). 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

A “PRÁXIS DA ACOLHIDA” COMO BASE DA EXPERIÊNCIA PASTORAL DO PAPA FRANCISCO

*Alzirinha Rocha de Souza é graduada em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; mestra em Teologia pela Universidad San Dámaso, Madri; doutora em Teologia pela Université Catholique de Louvain, Bélgica; pós-doutora pela Universidade Católica de Pernambuco. Atualmente é professora e pesquisadora do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp/SP) e da Faculdade Paulo VI, em Mogi das Cruzes-SP. E-mail: alzirinharsouza@gmail.com



Este texto tem por objetivo refletir sobre um aspecto essencial da práxis do papa Francisco, denominada por nós “práxis da acolhida”. Queremos destacar como sua forma de ser, seus gestos e falas desvelavam o ensinamento primeiro de Cristo: o mandamento do amor. Sua personalidade e afetividade marcadamente latino-americanas possibilitaram gestos concretos de acolhida amorosa àqueles/as dos quais se aproximou.



INTRODUÇÃO

O apoio de um referencial ético, ausente nos nossos dias, é quase um imperativo. O exercício de ser no mundo, na contemporaneidade, está pautado, em muitas situações, por vertentes contrapostas aos valores que orientam a práxis cristã. Esse movimento, que antes apenas batia às portas da Igreja, agora está muitas vezes incorporado à dinâmica pastoral e institucional. Podemos nos perguntar: quando aqueles/as que se afirmam discípulos de Jesus perdem seu ensinamento maior, o mandamento do amor ao próximo, o que resta da práxis cristã?

Entre tantas análises e pensamentos que podemos tecer acerca do papa Francisco e seus ensinamentos, creio haver um que fundamenta todos os outros: *a expressão do seguimento da pessoa de Jesus, dada pela acolhida amorosa*. Com sua forma latino-americana de ser, preocupava-se em fazer-se um *com* os outros, mais proximamente quando tocava as pessoas por onde passava e, em outros momentos, quando as acolhia por meio de discursos, falas, homilias e lhes dirigia sua oração e sua palavra de conforto, também mediante denúncias contra todas as situações que se apresentassem “em contraste” com a Palavra de Deus (EN 19).

Nesse sentido, Francisco revelou, na prática, o fundamento teórico da acolhida. Com seus gestos e posturas, desmistificou e humanizou a cátedra de Pedro, pondo à frente de tudo os critérios claros de acolhida, partilha, fraternidade, colegialidade, mesmo que, durante estes treze anos, alguns não tenham conseguido aceitar ou perceber.

É sobre isto que queremos refletir neste texto: a práxis teológica de Francisco, que, para além de ser unicamente uma marca de simpatia, traduzia a essência da práxis cristã.

1. Francisco é filho de Santo Inácio e do Concílio

Em geral, concepções eclesiológicas têm o suporte dos dois “fazer teológicos”. Uma

delas é suportada por uma teologia fechada em si mesma (falsa), que pressupõe colocar a Igreja acima da realidade, e outra é suportada por uma teologia dialogante (verdadeira), que permite à Igreja se colocar *in actu*, quer dizer, no mesmo nível da realidade, com condições de afetar e ser afetada pelas alegrias e tristezas do povo de Deus (GS 1). A primeira é movida por interesses pessoais, políticos, financeiros e reflete, em geral, estruturas piramidais, autoritárias, ao passo que a segunda reflete estruturas circulares mais próximas do Evangelho. A primeira reflete o autoritarismo, e a segunda a *autoridade*. Negando a vertente do autoritarismo, Francisco exerceu e desvelou sua autoridade à luz da perspectiva do serviço e da acolhida.

Afirmou-se como “companheiro de Jesus” – era um Jesuíta com J maiúsculo –, trazendo para o papado, além do discernimento desvelado em sua práxis, a humildade referenciada pelo “terceiro grau da humildade inaciana”, que lhe permitia se colocar “com todos os demais, no mesmo nível”. Seguidor de Jesus por liberdade, convicção e fé, demonstrou que sua vida era pautada por seus valores, conduta e prática, com os quais exercia a autoridade.

O conceito de autoridade passou por diversos sentidos ao longo da história. Hannah Arendt o explica com base nas experiências que nascem da civilização romana, indicando o termo *auctoritas* como derivado do verbo “aumentar”; ou seja, autoridade é o que aumenta a fundação de algo, a força instauradora de algo. Remete ao sentido do começo, do início fundante de algo. Exercer a autoridade significa empreender desde a origem, sendo essa ação instauradora direcionada para a liberdade e estando vinculada à capacidade de agir, de iniciar alguma coisa nova (Arendt, 1988, p. 288).

Em outra perspectiva e de forma complementar, Émile Benveniste aprofunda o conceito, afirmando que o termo *d’augmenter*,

que significa “aumentar”, vem de *augeo*, que significa “produzir fora de seu próprio seio, criar, fazer surgir de um meio alimentado, fazer sair, promover”, o que é um ato propriamente divino. Nesse sentido, *l’auctor* (autoridade) é “aquele que inicia, que funda, o que é *l’auteur*” (autor). O senso primitivo de *augeo* se encontra contido em *auctoritas*:

Toda palavra anunciada com autoridade determina a mudança no mundo, cria alguma coisa; essa qualidade misteriosa, a do *augeo*, exprime o poder que faz surgir as plantas, que dá existência a uma lei. *Augmenter* seria então um sentido enfraquecido do *augeo*. Os valores obscuros e poderosos permanecem dentro dessa *auctoritas*, esse dom reservado a poucos homens de fazer surgir alguma coisa e, ao final, de produzir a existência (Benveniste, 1969, p. 150).

A autoridade aparece, pois, vinculada à experiência mesma do surgimento e da renovação das coisas e dos seres. Ela indica esse poder de fazer existir, notadamente dentro do universo social, um poder ligado à palavra (Mager, 2016, p. 29).

Nesse sentido, àqueles que se dizem seguidores do Cristo cabe somente uma forma de exercício de poder: a autoridade por conhecimento, pela qual se transformam, se “aumentam” os contextos e a história. Dizem os textos sagrados que Jesus era aquele que “falava com autoridade” (Lc 4,22) e todos ficavam surpresos com isso. Assim o fazia não porque era melhor que as pessoas de sua época, mas porque, deixando-se mover pelo Espírito de Deus e conhecendo sua própria tradição, apreendida dos textos da Torá rabínica, ele a punha em prática, o que lhe permitia sua releitura – em contraste com os que insistiam em guardar rigidamente as tradições – e o compartilhamento dela com seus interlocutores. O conhecimento de Jesus era necessariamente transformador

OS SACRAMENTOS E OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

Papa Francisco



CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Neste livro, o papa Francisco explica, com linguagem simples e afetuosa, os dons do Espírito Santo presentes nos sacramentos. Mostra que eles não são regras vazias, mas caminhos para uma vida plena.



ADQUIRA
JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

e partilhado com todos, mesmo com aqueles que tinham outra compreensão das Escrituras (Mc 2,3-6). A autoridade de Jesus é *autoritas*, que aumenta e transcende. Sua autoridade se expressava em sua prática, tais como ensinar (Mt 7,29; Mc 11,28; Mt 9,8; Lc 4,36), curar (Mt 9,1-13), expulsar demônios (Mc 3,15) e perdoar pecados (Mt 9,6; Mc 2,10).

Em linha com Jesus, Francisco exercitava sua autoridade jogando luzes sobre questões concretas, buscando levar homens e mulheres à liberdade e à verdade por meio da proximidade. Sua autoridade era de outra natureza, evidente, marcante, para todos verem e sentirem.

Formado no pré-Concílio, Francisco dá um passo junto com a Igreja conciliar, que tem o desafio de tirar do Evangelho as capas que foram sendo colocadas ao longo dos séculos. Havia passado tempo demais desde a Contrarreforma, e estávamos, mais uma vez, com a luz evangélica consideravelmente apagada. O mundo, a partir dos anos 1960, tomou o seu rumo, e a Igreja, não colhendo toda a riqueza das orientações conciliares, acabou rumando para o lado contra o qual lutava, lado que a afastava das demandas e da existência concreta. Perdemos o diálogo com a modernidade e íamos perdendo o diálogo com a pós-modernidade. Perdemos o diálogo interno, caímos no ritualismo, sem compreender as mídias das grandes massas, o que desenhou a conjuntura eclesial que levou à renúncia de Bento XVI.

Felizmente, mais uma vez, o Espírito de Deus soprou como e onde quis, e então saiu do conclave, fortalecido por ele, um papa latino-americano. Sem dúvida, sua formação jesuíta, sua personalidade argentina e sua experiência do “chão da Igreja” imprimiram o tom de seu papado. No entanto, a compreensão de ministério como serviço, o reconhecimento da necessidade de a Igreja voltar-se ao seguimento de Jesus e à aproximação com o mundo, com base

na simplicidade, destacam-se muito mais e efetivamente refletem sua eclesiologia.

2. A autoridade amorosa de Francisco

Firmado em sua *autoridade*, Francisco percebeu que os gestos transformados em testemunho e diálogo franco, os quais aproximam pessoas e minimizam diferenças, falam muito mais ao mundo do que as roupas, os bâculos, os anéis, as mitras, as cátedras. Daí a razão de sua proximidade, de seu carisma pessoal, que não somente atraía cristãos atuantes, mas também despertaram em muitos, que estavam afastados da Igreja, de outras denominações religiosas e do mundo em geral, o desejo de voltar a estabelecer o diálogo com a Igreja Católica ou prestar maior atenção em sua presença.

Como Francisco mesmo expressou na *Evangelii Gaudium*, n. 24, ele “primeireou” no diálogo, na proximidade, nas causas que assumiu, as quais estavam como chagas expostas no mundo e evidenciavam contrates-temunhos evangélicos. Valorizou certamente o ensino e os sacramentos, e não teria como ser diferente. Contudo, mostrou que, sem a experiência e gestos de testemunho concretos, os sacramentos perdem seu sentido mais profundo.

Francisco escreveu seu papado com gestos que o traduziram e que nos diziam a linha eclesiológica que a Igreja deveria seguir. Para entendê-los, não precisávamos de grande cultura, mas de experiência de Deus, que olhou para seu povo aflito na escravidão e olhou para a humildade de sua serva. Deus olhou e viu a necessidade daqueles que tinha diante de si. Francisco, movido pelo Espírito Santo de Deus, olhou e viu a necessidade de voltar-se ao concreto da história, entendendo primeiramente quem eram seus interlocutores. O que nos pediu foi que cada cristão possa continuar a exercer a *autoridade que aumenta*, baseada em três elementos centrais: Cristo, diálogo com o mundo e práxis concreta.

Rafael Luciani (2017) afirmou a nova forma de fazer teologia, “em diálogo com as culturas e os povos”, realizada pelo papa Francisco; por seu turno, José Leonardo Rincón (2016) destacou que, como bom jesuíta, “o Santo Padre é 100% cristocêntrico”, no sentido mais positivo possível. Francisco lutou pela volta do fundamento cristológico como base para a ação humana. Suas ações evidenciavam a pureza de sua formação teológica, aliada à sua experiência com a chamada “teologia do povo”, que, segundo Scannone, é a forma pela qual a teologia da libertação se enraizou no contexto argentino. Ressaltem-se ainda sua proatividade e proposição, além do otimismo em meio a um contexto globalmente delicado. Sua concepção de Igreja se dava em torno das definições conciliares de Igreja “povo de Deus”, que está inserida na realidade da história e deve fazer face a ela e às suas demandas.

Galli (2017) abordou de maneira mais ampla a análise sobre Francisco à luz de dois aspectos: o espírito conciliar, que tomou novo impulso com esse papado, e a ação do Espírito de Deus, que se volta para as características da teologia latino-americana por meio da pessoa do papa.

Muolo (2016) ressalta como a irmã Maria Antonia Chinello, por ocasião do Encontro sobre Comunicação e Misericórdia, organizado em Roma no mês de junho de 2016, afirmou, de forma brilhante, que o papa estava escrevendo em seu pontificado a “encíclica de gestos”, aliada aos documentos formais. Segundo essa percepção, mesmo que o papa não dissesse uma só palavra, somente com seus gestos já teria traduzido seu pensamento, com a vantagem de que gestos não dão margem a falsas interpretações.

3. A “encíclica de gestos” de Francisco

É bem difícil relacionar e citar gestos quando estes se tornam naturais à práxis humana. Foram inúmeras as situações nas quais Francisco se aproximou das pessoas,

realizando junto a elas gestos como setas que apontavam para nova realidade e situação. Da mesma forma, é interessante pensar como gestos de acolhida, que deveriam ser o natural da vida cristã, passaram a ser passíveis de admiração pelo mundo. O que deveria ser cotidiano passou a ser excepcional e belo.

Gostaria aqui de remarcar dois gestos, que são para mim bastante significativos e surpreenderam o mundo. O primeiro, logo no início do papado, em 6 de novembro de 2013.

Ao terminar a audiência geral desta quarta-feira na praça de São Pedro, o papa Francisco comoveu novamente o mundo ao abraçar efusivamente um homem que padece neurofibromatose, uma enfermidade neuronal que causa tumores na pele e nos ossos, causando fortes dores. As pessoas que padecem esta enfermidade, de origem genética e que não é contagiosa, são discriminadas com frequência pela aparência que adquirem. Ao saudar, como faz habitualmente, os peregrinos que chegaram para participar da Audiência Geral, em um intenso gesto de amor pelos enfermos, o papa se deteve durante vários minutos para acolher em seus braços o homem doente. Instantes depois deu ao homem sua bênção. A neurofibromatose é uma doença grave e de difícil tratamento que pode ocasionar paralisia, problemas de visão, surdez, retardo mental, enxaquecas e até mesmo câncer.³

O segundo gesto demonstrou a prática direcionada a um tema a que Francisco se dedicou com ênfase: a falta de cuidado com as populações de refugiados, que se tornaram, para muitos, “refugiados do *orbi*”, quer dizer, gente que não tem o direito de estar no mundo. O papa saiu em defesa deles não por populismo, mas seguindo a Palavra de Deus, conforme, por exemplo, Levítico 19,33–34

³ Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticia/26283/abraco-do-papa-francisco-a-um-enfermo-comove-as-redes-sociais>. Acesso em: 27 maio 2025.

(“Não oprimam o estrangeiro que peregrinar na terra de vocês. Tratem o estrangeiro que peregrina entre vocês como tratam quem é natural da terra; amem o estrangeiro como amam a vocês mesmos, pois vocês foram estrangeiros na terra do Egito”), Deuteronômio 14,28-29 (há uma parte do dízimo que deve ser destinada aos estrangeiros), Levítico 19,9-10 (instruções para deixar comida para os pobres e estrangeiros), Salmo 146,9 (“O Senhor protege os estrangeiros que moram em nossa terra”). O papa determina, como prioridade, o cuidado com os homens e mulheres obrigados a se deslocarem de suas raízes.

Francisco não somente chamou a atenção para o tema. Era o ano de 2016, e o papa voltou de sua viagem à ilha de Lesbos trazendo consigo refugiados sírios, que se tornaram hóspedes do Vaticano e foram confiados aos cuidados da Comunidade Santo Egídio. Afirmava ele, na entrevista a jornalistas, em seu retorno: “É um gesto pequeno. São estes pequenos gestos que todos e todas devem fazer diante daquele que precisa de ajuda”.⁴

Traduzindo muito de sua personalidade e práxis cristã, afirmou ainda:

Como podemos não ouvir o grito desesperado de tantos irmãos e irmãs que preferem enfrentar um mar tempestuoso do que morrer lentamente nos campos de detenção líbios, locais de tortura e escravidão ignóbeis? Como podemos permanecer indiferentes diante dos abusos e das violências de que são vítimas inocentes, deixando-os à mercê de traficantes sem escrúpulos? Como podemos “passar para o outro lado”, como o sacerdote e o levita na parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10,31-32), tornando-nos, assim, responsáveis pela sua morte? A nossa preguiça é um pecado!⁵

⁴ Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/noticias/553798-francisco-traz-refugiados-de-lesbos-para-o-vaticano-e-diz-que-a-europa-deve-integrar-os-imigrantes>. Acesso em: 27 maio 2025.

⁵ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/595330>. Acesso em: 27 maio 2025.

“ Francisco escreveu seu papado com gestos que o traduziram e que nos diziam a linha eclesiológica que a Igreja deveria seguir. ”

CONCLUSÃO

Entre tantos ensinamentos que pudemos receber do papa Francisco, seguramente a expressão de acolhida foi o mais marcante. Ele se moveu pelo mundo não somente no nível da teoria, mas sua forma de ser e agir desvelou a vivência concreta dos temas que defendia, notadamente quando tocava as dores da humanidade. Sua práxis da acolhida era reflexo da práxis cristológica, e ela nos lembrará, por todos os tempos, qual deve ser a práxis de todos os que se afirmam seguidores/as da pessoa de Jesus e são homens e mulheres de boa vontade. Trata-se de práticas humanizadoras em um mundo que insiste em matar pessoas de tantas formas. Aprendamos, pois, com Francisco!

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. *Condition de l'homme moderne*. Paris: Calmann-Lévy, 1988. (Agora, 24).

BENVENISTE, E. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. Tome II: Pouvoir, droit, religion. Paris: Editions de Minuit, 1969.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Gaudium et Spes*: Constituição Pastoral sobre a Igreja e o mundo atual. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 6 jun. 2025.

FRANCISCO, Papa. Homilia na Casa Santa Marta, 24 abr. 2017. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2017/04/24/pap>. Acesso em: 24 abr. 2017.

GALLI, C. *Francisco: una nueva hora de la Iglesia latinoamericana*. Disponível em: <http://www.teologiahoy.com/secciones/iglesia-en-salida/francisco-una-nueva-hora-de-la-iglesia-latinoamericana>. Acesso em: 29 jan. 2017.

GRIEU, É. Les plus pauvres: une autorité dans la société et pour l'Église? In: LAMBERT, A.; LIÉGEOIS, A.; CHEVALIER, C. *Autorité et pouvoir dans l'agir pastoral*. Bruxelles: Lumen Vitae, 2016. p. 153-170.

LUCIANI, R. Encontro Ibero-americano de Teologia. "Um dos objetivos do encontro é apoiar o processo de mudanças do papa". [Entrevista cedida a] José Manuel Vidal. Tradução: André Langer. *Revista IHU On-Line*, 25 jan. 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/564293-rafael-luciani-um-dos-objetivos-do-encontro-e-apoiar-o-processo-de-mudancas-do-papa>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MAGER, R. Dimensions d'autorité en théologie pratique. In: LAMBERT, A.; LIÉGEOIS, A.; CHEVALIER, C. *Autorité et pouvoir dans l'agir pastoral*. Bruxelles: Lumen Vitae, 2016.

MUOLO, M. Papa Francesco e l'enciclica dei gesti. *Avvenire*, 15 giug. 2016. Disponível em: <https://www.avvenire.it/opinionipagina/i-gesti-di-papa-francesco>. Acesso em: 5 jun. 2025.

PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*: Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 6 jun. 25.

RINCÓN, José Leonardo. *El pensamiento libre*. Disponível em: <http://www.elpensamiento-libre.com/2016/09/interpelaciones-del-papa-la-teologia-hoy.html?view=timeslide>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SOUZA, A. R. de. Elementos para reflexão entre "fazer teológico" e estrutura eclesial, a partir do referencial de Francisco. *Espaços-Revista de Teologia e Cultura*, São Paulo, n. 25, p. 53-64, 2017.

A SANTA MISSA

Papa Francisco



PAPA FRANCISCO
A SANTA MISSA

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

A obra segue a ordem da celebração eucarística: ritos iniciais, liturgia da Palavra, liturgia eucarística e ritos finais. Um guia acessível para ajudar você a compreender e viver melhor a missa no dia a dia.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



PAPA FRANCISCO E O LEGADO HUMANISTA DA COMUNICAÇÃO

Neste texto, buscamos destacar alguns aspectos, entre outros, do legado do papa Francisco para a comunicação, herança que certamente constitui uma bússola para a Igreja no que se refere ao tema da comunicação, num contexto social atual sempre mais plural e complexo.

“A alegria do Evangelho” foi, sem dúvida, a inspiração das palavras e dos gestos do papa Francisco nos seus doze anos de pontificado. Nesse trajeto, deixou-nos imenso legado, no qual podemos incluir também o magistério referente à comunicação, edificado especialmente por meio de discursos e das mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMCS). Francisco não somente valorizou os meios técnicos de comunicação digitais e analógicos no serviço à evangelização, mas também soube instaurar um diálogo profundo e autêntico com o mundo da comunicação, focando-o sempre do ponto de vista humano, mesmo quando se referia às tecnologias.

1. A comunicação como “proximidade”

É oportuno destacar, de início, que a visão do papa Francisco no que se refere à comunicação era prevalentemente humanista. Mesmo quando fazia referência ao aspecto

técnico-instrumental da comunicação, situava-a no âmbito das interações humanas. De fato, nesse horizonte, já na sua primeira mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2014, expressou que a verdadeira comunicação não é aquela que apenas informa, mas a que cria proximidade e humaniza.

Para o papa Francisco, a proximidade está ligada à capacidade de abertura a Deus e de se fazer próximo das pessoas. É a condição para criar comunhão. Fundamenta-se no princípio de que “Deus não é Solidão, mas Comunhão; é Amor e, conseqüentemente, comunicação, porque o amor sempre comunica; antes, comunica-se a si mesmo para encontrar o outro” (DMCS, 2019). Nesse sentido, Jesus de Nazaré é o maior comunicador de todos os tempos (cf. DMCS, 2025), que anunciou o Reino de Deus não somente com discursos, mas sobretudo com suas atitudes, seus gestos, seu olhar e até com seu silêncio.

*Dom Valdir José de Castro, ssp, é licenciado em Teologia, com especialização em Espiritualidade, pela Universidade Gregoriana de Roma; graduado em Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul (RS); mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero (SP); doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi formador, diretor da Faculdade Paulus de Comunicação (SP), provincial e superior geral da Congregação dos Paulinos. Atualmente é bispo diocesano de Campo Limpo-SP, presidente da Comissão para a Comunicação Social da CNBB e membro do Dicastério para a Comunicação (Vaticano). E-mail: domvaldir@diocesedecampolimpo.org.br

Também no que diz respeito à sua pregação, Jesus não se referia a Deus Pai com discursos abstratos, mas o revelava com parábolas, isto é, com linguagem simples e narrações tiradas da vida de todos os dias. Foi justamente com base em uma parábola, a do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), que o papa Francisco intuiu a comunicação como proximidade, até a ponto de afirmar que essa parábola é a “parábola do comunicador” (DMCS, 2014). De fato, o samaritano se faz próximo ao dispensar atenção e cuidados ao homem que encontra quase morto ao lado da estrada, sem deixar-se intimidar pelas diferenças. Essa parábola nos ensina que, de uma “escuta” sem preconceitos, atenta e disponível, nasce uma comunicação segundo o estilo de Deus, que se sustenta de proximidade, compaixão e ternura.

2. Acolher, escutar e falar com o coração

Na sua visão humanista da comunicação, como proximidade, por diversas vezes o papa Francisco fez referência ao coração. Num tempo dominado pelos ritmos e ruídos da tecnologia e no qual predomina a busca desenfreada pelo consumo e por um individualismo doentio, que corroem as relações interpessoais, insistiu que é preciso dar espaço ao “coração”. Na mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais deste ano, Francisco afirmou que, nestes últimos anos, foi o coração que lhe ditou o fio condutor para a reflexão sobre a comunicação.

É oportuno esclarecer que o coração, aqui compreendido, é “o centro do desejo e o lugar onde são forjadas as decisões mais importantes de uma pessoa” (Francisco, 2024a, n. 3); é o centro unificador do ser humano que dá sentido e orientação à vida. No entanto, o que o coração tem a ver com a comunicação? Como salientou o papa, “é o coração que origina a proximidade; é pelo coração que me encontro junto aos outros e os outros estão igualmente junto a mim” (Francisco, 2024a, n. 12). De fato,

“uma relação que não é construída com o coração não pode ultrapassar a fragmentação do individualismo” (Francisco, 2024a, n. 17).

Nesse processo de criar “proximidade”, assumem importância fundamental as atitudes de acolher, de escutar e de falar “com o coração”, como condições para fomentar o diálogo. Nessa perspectiva, o papa Francisco dedicou duas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. A mensagem de 2022, que teve como tema “Escutar com o ouvido do coração”, e a de 2023: “Falar com o coração, segundo a verdade na caridade (Ef 4,15)”.

Francisco insistia que do coração partem a escuta, o acolhimento e a partilha; conseqüentemente, a atenção ao outro. “Só prestando atenção a *quem* ouvimos, *àquilo* que ouvimos e ao *modo como* ouvimos é que podemos crescer na arte de comunicar, cujo cerne não é uma teoria nem uma técnica, mas a capacidade do coração que torna possível a proximidade” (DMCS, 2022). Uma vez que o “coração” entra em cena, cria-se uma linguagem desarmada, que estreita as relações e estabelece o diálogo com todos, também com os que pensam diferentemente de nós.

3. Habitar o ambiente digital

Se o papa Francisco salientou a importância da comunicação do ponto de vista humano, como foi descrito, não menos importância deu ao ambiente digital, que é o lugar por onde circula, hoje, grande parte da humanidade. A propósito, ele mesmo se fez presente nas redes sociais, com milhões de seguidores. Era consciente de que, atualmente,

já não se trata apenas de “usar” instrumentos de comunicação, mas de viver em uma cultura amplamente digitalizada, que afeta de modo muito profundo a noção de tempo e de espaço, a percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, o modo de comunicar, de aprender, de informar-se, de entrar em relação com os outros (Francisco, 2019, n. 86).

O grande desafio que Francisco deixou à Igreja é como comunicar com o coração e criar proximidade também no ambiente digital: um lugar importante para o acesso às informações e ao conhecimento, mas também onde estão em jogo os interesses econômicos, a manipulação, a desinformação, a exploração e a violência, constituindo, por isso, um espaço irrenunciável para a evangelização, para o diálogo, para o encontro e intercâmbio entre as pessoas. De fato, na Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2014, já havia afirmado que não basta circular pelas “estradas” digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro.

Num mundo cada vez mais conectado, as tecnologias têm um papel fundamental na comunicação, porém, como alertou Francisco, neste tempo corre-se o risco de ser rico em técnica e pobre em humanidade (DMCS, 2024); ademais, não é a tecnologia que determina se ela é autêntica ou não, mas o coração humano e sua capacidade de fazer bom uso dos meios ao seu dispor (DMCS, 2016).

4. A inteligência artificial

A Igreja, no pontificado do papa Francisco, prosseguindo na linha de pensamento de seus predecessores, especialmente dos papas São João Paulo II e Bento XVI, reconheceu que as redes digitais são invenções geniais e que não é possível pensar em viver num tempo diferente do nosso. A tecnologia é importante, porém ela não pode levar a corromper a beleza da comunicação. Nessa direção, Francisco tratou também da inteligência artificial, tecnologia que abrange muitos setores da sociedade, como a medicina, o mundo do trabalho, a educação, a política etc., incluindo a comunicação.

O papa Francisco foi uma das poucas lideranças mundiais, senão a única, que tratou,

O PAI-NOSSO

Papa Francisco



PAPA FRANCISCO
O PAI-NOSSO

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Com linguagem simples, o papa Francisco comenta cada trecho da oração ensinada por Jesus. Uma leitura que fortalece sua espiritualidade e ilumina sua missão no mundo.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

de forma direta e profética, a questão do uso ético da inteligência artificial. Caso relevante é o discurso que fez aos chefes de Estado numa sessão do G7, realizada em Borgo Eg-nazia (Itália), em 14 de junho de 2024, em que considerou os aspectos positivos, mas também os riscos do uso inconsequente da inteligência artificial. Também para a mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2024 escolheu como tema “Inteligência artificial e paz”, e para o Dia Mundial das Comunicações Sociais daquele ano o tema foi: “A inteligência artificial e a sabedoria do coração: para uma comunicação plenamente humana”.

Em muitos discursos referentes à comunicação, Francisco deixou transparecer sua preocupação com a cultura da desinformação que enfrentamos, no caso das *fake news*, a qual hoje se serve também da *deep fake*, isto é, da criação e divulgação, com o recurso da inteligência artificial, de imagens que parecem perfeitamente plausíveis, mas são falsas, ou de mensagens de áudio que usam a voz de uma pessoa, dizendo coisas que ela própria nunca diria. A simulação, que está na base desses programas, pode ser útil em alguns campos específicos, mas – denunciou o papa – torna-se perversa quando distorce as relações com os outros e com a realidade.

O que é necessário combater, deixou claro Francisco, não é tanto a inteligência artificial, mas a estupidez humana. É preciso guiarmos a inteligência artificial, e não sermos guiados por ela. É necessário, sim, aceitar os desafios do nosso tempo, mas permanecendo humanos. O papa esclareceu que

é certo que as máquinas têm uma capacidade imensamente maior que os seres humanos de memorizar os dados e relacioná-los entre si, mas compete ao homem, e só a ele, decodificar o seu sentido. Não se trata, pois, de exigir das máquinas que pareçam humanas; mas de despertar o homem da hipnose em que cai devido ao seu delírio de onipotência,

crendo-se sujeito totalmente autônomo e autorreferencial, separado de toda a ligação social e esquecido da sua condição de criatura (DMCS, 2024).

A inteligência artificial em si, portanto, não é boa nem má; tudo depende de como é usada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papa Francisco, primeiro pontífice latino-americano, marcou profundamente a Igreja Católica e o mundo com um pontificado pautado na prática do Evangelho e expresso concretamente na simplicidade, na defesa dos pobres, no apelo à fraternidade universal (cf. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*) e na insistência do cuidado da Casa Comum (cf. Carta Encíclica *Laudato Si'*). Seu legado, na verdade, é multifacetado, abrangendo os âmbitos espiritual, social e político. No que se refere à comunicação, como destacamos, sua mensagem foi clara: a comunicação autêntica nasce da abertura a Deus e ao outro e cria proximidade, assim como a capacidade de ver além das redes digitais, que, em certa medida, chegam a hipnotizar a sociedade.

Também podemos recordar as vezes em que o papa Francisco valorizou os profissionais na área da comunicação, especialmente os jornalistas, chegando a afirmar que jornalista é mais do que uma profissão: é vocação e missão. Sustentou que a liberdade de imprensa e de manifestação do pensamento deve ser defendida e salvaguardada, com o direito fundamental à informação. Denunciou a realidade de jornalistas mortos ou presos “simplesmente por terem sido fiéis à profissão de jornalista, fotógrafo, operador de vídeo, por terem desejado ir ver com os próprios olhos e por terem procurado narrar o que viram” (Francisco, 2025).

A complexa realidade das redes digitais pode nos preocupar como Igreja, mas não pode nos acuar. Sobre isso, foi publicado, em

2023, o documento *Rumo à Presença Plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*, pelo Dicastério para a Comunicação. O objetivo desse estudo, bastante atual, é “promover uma reflexão comum sobre nossas experiências digitais, incentivando os indivíduos e as comunidades a adotar uma abordagem criativa e construtiva que possa fomentar uma cultura da proximidade” (Dicastério para a Comunicação, n. 5, 2023).

Enfim, o legado do papa Francisco para a comunicação, bastante sintetizado neste artigo, motiva-nos a sonhar com uma comunicação cada vez mais humana e a trabalhar por ela, tal como revelado na sua última mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Escreveu Francisco:

sonho com uma comunicação que saiba fazer de nós companheiros de viagem de tantos irmãos e irmãs nossos para, em tempos tão conturbados, reacender neles a esperança. Uma comunicação que seja capaz de falar ao coração, de suscitar não reações impetuosas de fechamento e raiva, mas atitudes de abertura e amizade; capaz de apostar na beleza e na esperança mesmo nas situações aparentemente mais desesperadas; de gerar empenho, empatia, interesse pelos outros. Uma comunicação que nos ajude a reconhecer a dignidade de cada ser humano e a cuidar juntos da nossa Casa Comum (DMCS, 2025).

Que possamos, como Igreja, prosseguir no sonho de Francisco e trabalhar intensamente por um mundo melhor, na perspectiva de uma comunicação que crie pontes e gere a cultura do encontro. Uma comunicação que tenha na sua base o amor, “uma vez que o amor consegue sempre encontrar o caminho da proximidade e suscitar corações capazes de se comover, rostos capazes de não se abater, mãos prontas a construir” (DMCS, 2017). Essa é a condição para vivermos num mundo com mais justiça, paz e vida para todos. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. *Rumo à presença plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*, 28 maio 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 6 jun. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Christus Vivit*: Exortação Apostólica Pós-sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus, 25 maio 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 6 jun. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Dilexit Nos*: Carta Encíclica sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus, 24 out. 2024a. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/20241024-enciclica-dilexit-nos.html>. Acesso em: 6 jun. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos comunicadores participantes do Jubileu do Mundo das Comunicações*, 25 jan. 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2025/1/25/giubileo-comunicazione.html>. Acesso em: 6 jun. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Discurso na sessão do G7 sobre a inteligência artificial*. Borgo Egnazia (Itália), 14 jun. 2024b. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/june/documents/20240614-g7-intelligenza-artificiale.html>. Acesso em: 6 jun. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o 57º Dia Mundial da Paz*: Inteligência artificial e paz. 1º jan. 2024c. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20231208-messaggio-57giornatamondiale-pace2024.html>. Acesso em: 6 jun. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais* (DMCS). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications.html>. Acesso em: 6 jun. 2025.



PAPA FRANCISCO, OS POBRES E O OLHAR DE DEUS

O texto apresenta uma síntese do pontificado de Francisco na perspectiva da sensibilidade de seu olhar para os pobres do mundo e de sua ternura para a criação.

INTRODUÇÃO

Papa Francisco foi uma graça do Divino Espírito Santo para o mundo inteiro. Foi o papa que calçou as sandálias do pescador, que usou do cajado para proteger as ovelhas de Cristo atacadas por lobos ferozes. Foi certamente um bom pastor. Era homem de sorriso fácil e alegria interior vulcânica. Foi nosso “papa” espiritual, que, como bispo de Roma, amou e defendeu a família humana e a Terra como Casa Comum. Ao assumir a defesa dos migrantes e pobres, fez-se papa profeta. Denunciou, com audácia evangélica, a violência contra homossexuais, crianças, negros, jovens, povos indígenas e mulheres, os quais sempre protegeu. Foi para cada um e para cada uma de nós um papa que não se submeteu à mentira, ao dinheiro das elites, e proclamou as bem-aventuranças do Evangelho. Ele mesmo confirmou que grande parte das lições aprendeu no colo de sua avó e de seus pais, migrantes e solidários com os pobres. Os pobres da cidade de Buenos

Aires o confirmaram como padre, bispo e cardeal à disposição vocacional dos últimos. Francisco se fez um bispo completo: pastor, médico, diretor de consciências, defensor da justiça, advogado dos pobres, companheiro, missionário, místico, sábio e profeta.

A vida e a missão de Francisco nos fazem recordar bela canção, que, quarenta anos antes, prenunciava sua eleição, como profecia similar à de Jeremias no período do exílio bíblico. A música sonha com a vinda de um homem que assumiria o “modo de ser Francisco”. Cantávamos em nossas comunidades, ao final dos anos 1980, a melodia do educador jesuíta Luiz Augusto Passos, estudioso exemplar da obra de Merleau-Ponty, a qual tinha como título *Canta, Francisco*. Ecoava em nosso coração, como poesia ecológica e mística, a letra profética:

*Nos olhos dos pobres, no rosto do mundo,
eu vejo Francisco, perdido de amor. É índio,
operário, é negro, é latino, jovem, mulher,*

*Fernando Altemeyer Junior é professor assistente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (Unifai) e em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção; mestre em Teologia e Ciências da Religião pela Universidade Católica de Lovaina, Bélgica; doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Foi assessor de comunicação da arquidiocese de São Paulo e porta-voz dos cardeais Arns e Hummes (1994-2000). Escreve para revistas confessionais e acadêmicas sobre comunicação, religião, teologia, ética e bioética. E-mail: fajr@pucsp.br

lavrador e menor. Há um tempo só de paixão, grito e ternura, clamando as mudanças que o povo espera, justiça aos pequenos, ordem do Evangelho, reconstrói a Igreja na paixão do pobre. Há crianças nuas nesta paz armada, há, Francisco, povo sendo perseguido, há jovens marcados, sem teto nem sonhos, há um continente sendo oprimido. Com as mãos vazias, solidariedade, com os que não temem perder nada mais, defendem, com a morte, a dignidade, com a teimosia que constrói a paz. Canta, Francisco, do jeito dos pobres, tudo que atreveste a mudar. Canta novo sonho, sonho de esperança, que a liberdade vai chegar.

Trata-se de bela síntese do pontificado de Francisco e do modo de viver e enxergar o mundo que aprendemos dele. Ver os pobres, conviver com eles para aprender a ter o olhar de Deus, que assume a ótica dos pequenos. Deus chamou para ser papa aquele homem que se tornaria uma ponte entre culturas, povos e línguas, na sementeira de outro mundo possível, sem exclusões ou deportações xenofóbicas.

1. Deus visível na carne dos pobres

Todos havíamos aprendido, nas escolas e encontros de catequese, que a teologia devia sempre partir da confissão da fé à luz da Palavra de Deus. O teólogo belga Adolphé Gesché (1928–2003) propõe novo modo de pensar. Ele coloca Deus no começo do pensamento, da ação prática e do rigor intelectual. Deus não fica passivo, ao final do caminho, mas se faz peregrino em nossa estrada e percalços. Essa compreensão parte da profunda experiência de Deus na vida dos que creem nele e assume o cosmo, a humanidade, a Igreja e o mundo dos pobres como eminentes lugares da manifestação de Deus. Vê o mundo com o olhar de Deus. Faz que troquemos de óculos e de perspectivas. A teologia e a pastoral mergulham no

interior do mundo dos pobres, no interior da humanidade, onde Deus mora, se revela e manifesta seu amor primordial. Já não se concebe o sagrado e o profano distintos e sem conexão, mas o Eterno emaranhado no provisório.

O papa Francisco professa essa fé viva e radical no Deus visível na carne dos pobres, assim como cantou, em seu hino utópico, o profeta Isaías (capítulo 11), ao falar do Deus escondido, que se revela paradoxalmente na criança e no pequeno que conduz o povo inteiro. A teologia do papa Francisco e seu jeito pastoral de agir assumem “o cheiro das ovelhas”, o que muda a reflexão, tornando-a “teoflexão” concreta, ou seja, uma inspiração daquele que silencia diante do mistério e, ao mesmo tempo, muda o próprio itinerário vital para estar nas periferias do mundo, assumindo-as. O modo de pensar se torna modo de viver, e o modo de viver se faz novo modo de pensar. Viver do jeito de Jesus para pensar do jeito de Deus. Francisco vive, em todos os seus 89 anos de vida e, de forma extraordinária, em seus doze anos de pontificado, uma conversão de lugares. Ele o vive com alegria e desprendimento. Ensina aos bispos, cardeais, padres, leigos, religiosas e ministras da catequese que podemos estar com os pobres, comer com os pobres, cantar, sonhar, sofrer e alegrarmo-nos com os pobres, para descobrir os segredos mais profundos de Deus. O apóstolo São Paulo, ao escrever o primeiro hino cristológico do Novo Testamento, inserido em Filipenses 2,6–11, propõe a palavra grega *kenosis* (aniquilamento) para descrever o rebaixamento do Filho de Deus à condição mortal e frágil, revelando o paradoxo de Deus, que busca o último lugar, a última pessoa, o mais subalterno dos seres, para manifestar a força da sua glória, revelando-a em Jesus, como ser pascal, o humano plenamente divino. Deus assume a condição de escravo para redimir e salvar a humanidade e o universo, ambos criados

pela Palavra viva de Deus (*Logos spermatikon*). Aquele que tudo criou sem nós não nos salva sem nossa participação e cooperação plena. Como disse dom Helder: “Somos cocriadores da esperança e do amor”.

Assim aprendemos que os pobres são os interlocutores privilegiados de Deus e de seu Evangelho. São lugares de revelação, são sacramentos de salvação na Igreja dos pobres e são convites à conversão de quem aprendeu a conviver com os últimos. Não porque sejam bons e santos, mas porque são últimos. Assim dizia a doutora Santa Teresinha de Lisieux: “Escolham os últimos lugares”. Sigam a pequena via. Assim a mensagem e o mensageiro se interpenetram e se retroalimentam. Do que parece nada, brota o tudo. Só Deus basta! Do que parece ninguém, emerge o Sujeito. Da semente microscópica, nasce a árvore da Vida. Não há oposição entre Deus e os pobres; há conexão, o que talvez seja uma verdade profunda da fé cristã, que confirma a Trindade santa e a ressurreição vividas no testemunho fiel. Sem opção pelos pobres, não há teologia e salvação. “Fora dos pobres não há salvação”, dizia-nos Santo Oscar Romero (*extra pauper, nulla salus*). A teologia fala, calando, ao sentir o sopro suave do Espírito de Deus, que grita no sofrimento das pessoas em situação de rua, dos indígenas, do povo negro, dos migrantes, dos refugiados andarilhos pelo mundo. Se queres encontrar Deus e seu Cristo, anda pelos corredores dos hospitais e vê os caídos nas ruas de nossas cidades. São termômetros de Deus a indicar onde há febre e dor. Clamam por nosso amor. Gritam por nossa piedade. E seu grito atravessa nuvens e chega ao Divino Pai Eterno com mais força do que qualquer sino de bronze do mundo poderia soar. Essa inflexão do papa Francisco nos faz ver com os olhos de Deus (*sub specie aeternitatis*) e permite adentrar no mais íntimo de nós mesmos para compreender do que somos feitos (irmãos e irmãs) e quem é aquele Senhor Deus que

A MISERICÓRDIA

Papa Francisco



PAPA FRANCISCO
A MISERICÓRDIA

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Este volume reúne as catequeses feitas durante o Jubileu da Misericórdia (2015-2016). Com linguagem simples e profunda, o papa Francisco reflete sobre a misericórdia no Antigo Testamento, nos Evangelhos e nas obras de misericórdia.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



“Papa Francisco foi uma graça do Divino Espírito Santo para o mundo inteiro.”

fala ao nosso coração (o *Abbá*, Pai de Jesus) quando vemos nos pobres outros Cristos (*alter Christos*). Santo Agostinho sempre disse o mesmo: “Seja Cristo para seu irmão”. Na voz do papa: “Os pobres são pessoas, e em seus rostos se esconde o rosto de Cristo. Eles são sua carne, sinais de seu corpo crucificado, e nós temos o dever de chegar até eles nas periferias mais extremas e nos subterrâneos da história com a delicadeza e a ternura da mãe Igreja” (papa Francisco aos membros da Cáritas Internacional em 27/5/2019 no Vaticano).

Vimos de Deus e somos destinados para ele; somos queridos e amados pelo Pai amoroso de Jesus. Tal é nosso destino, livre e assumido. Essa é a destinação genética, que se faz escolha pessoal a cada dia. Deus é a razão de nosso existir e a força de nosso viver, na revelação da essência verdadeira de cada pessoa e do mundo criado pela sua mão. Responder a esse chamado exige compaixão e solidariedade. Não é resposta teórica ou dogmática, mas prática e amorosa. Somos mais humanos se bebemos dele e se mergulhamos no oceano que chamamos Deus criador e eterno salvador. Nele vivemos, movemo-nos e somos. Sem essa centralidade, aniquilamo-nos. A espiritualidade dos cristãos se exprime, portanto, por

essa maturidade requerida pela inteligência humana quando se faz razão iluminada pela fé e entra no conflito da história ao lado dos perdedores e aniquilados. Com Cristo, por Cristo e em Cristo. Sem participar da vida dos crucificados, não podemos experimentar plenamente a força do Espírito do Ressuscitado, que arranca e quebra as cruzes do mundo, nem penetrar naquilo que nos faz ser o melhor de nós mesmos. Quem convive com os pobres vê Deus com maior nitidez e transparência. Assim ensinou o santo bispo salvadorenho Oscar Arnulfo Romero (1917–1980): “Nenhum homem se conhece enquanto não tenha se encontrado com Deus” (Romero, 1980).

São Francisco de Assis, homem-semente e modelo do papa Francisco, sempre viveu marcado pelos estigmas do Crucificado, na certeza de que, transfigurado pela cruz, participaria da festa da vida plena. O papa Francisco foi um fiel discípulo no seguimento de Jesus, ao estilo do Pobrezinho de Assis. Ele exprimiu tal missão em quatro palavras motivacionais: acolher, proteger, promover e integrar.

O que sempre moveu o papa argentino foi a certeza profunda que sabe e professa que a força que nos faz ir para dentro do mundo dos pobres é, paradoxalmente, a

mesma força que nos lança para fora de nós mesmos, movidos pelo Deus trinitário que se autocomunica, se oferta plenamente aos seres humanos, criando-nos como seres de barro, silhuetas divinas marcadas pelo selo do amor. O amor personalizado da comunhão do Deus trinitário convida à comunhão, pois é na comunhão eterna de onde emerge a beleza, a bondade e a verdade. O amor assume a dor do outro em solidariedade ativa e passiva. Sentimos o que o outro sente em sua dor, pois somos movidos pela misericórdia. O outro, particularmente o pobre e oprimido, se torna um portal luminoso para ver Deus. Há aquele que pensa que é rico, mas, “tendo perdido a esperança em um horizonte transcendente, perde também o gosto pela gratuidade, o gosto de fazer o bem pela simples beleza de fazê-lo” (Francisco, 2014). A teologia do papa Francisco sempre se movia pela cruz de Cristo, visível nos crucificados da história. Os empobrecidos se tornaram, para o papa jesuíta, o horizonte maior e radical da busca sincera de Deus e o paradigma de julgamento da pertença à comunidade humana. Os pobres são o teste maior da verdade da fé. Os pequeninos têm as palavras mais radicais do julgamento divino, como bem disse Jesus: “Tive fome e me destes de comer...”.

O desejo maior do papa Francisco era que toda a Igreja assumisse ser a lua que refletisse a luz de Cristo nos lugares mais obscuros do mundo e nos porões da humanidade padecente.

2. A causa dos pobres está no coração de Deus

As Escrituras hebraicas pensam a pobreza e a riqueza como correlativas e opostas, normalmente em chave ética e moral. Não obstante essa leitura naturalizada dos pobres, os livros sagrados e os profetas têm simpatia pelos pobres e sua fidelidade ao Deus único e verdadeiro. São a reserva maior dos que amam

Deus de verdade e sem interesses. Javé não os abandona (cf. Jó 5,15; Sl 72[71],12-15). Os pobres são felizes se observarem os mandamentos, mas é sempre certo que seu clamor atravessa as nuvens e chega ao Altíssimo. As Escrituras cristãs assumem a Nova Aliança com os pobres, na pessoa de Jesus de Nazaré, como anúncio do Reino, que exige opções e compromissos radicais. O Novo Testamento verá a relação entre Deus e os pobres de maneira nova e transformadora. Há uma simpatia imediata e efetiva pelos *ani* ou *anawin*, que, por estarem conscientes de sua insuficiência, esperam tudo de Deus e são cuidadores do Reino que irrompe na terra. Jesus faz-se pobre entre os pobres. Ele chama os pobres de felizes e privilegiados do Reino de Deus, assumindo-os, bem como as mulheres e as crianças, como embaixadores da Boa Notícia. Anos depois, as cartas às Igrejas no livro do Apocalipse confirmam a prática de Jesus. Esmirna é uma Igreja pobre e, por isso, plenamente rica (Ap 2,9), e Laodiceia é pobre porque é rica, morna e vomitável (Ap 3,17). Será preciso ouvir o conselho e abandonar a frivolidade e a idolatria do dinheiro. A pobreza voluntária e feliz é uma realidade para ser livre. A austeridade e a simplicidade são o estilo de vida do verdadeiro cristão. A Igreja de jeito paulino fará da partilha dos pobres um novo modo de ser Igreja missionária: a Igreja leiga e pobre de Antioquia é que faz a coleta para a Igreja mãe de Jerusalém, como óbolo da viúva que salva da miséria, pois já a viveu no corpo e na sua caminhada (cf. At 24,17). A Igreja perseguida que produziu o Evangelho de Lucas é aquela que dará o testemunho mais eloquente de fidelidade ao Cristo ressuscitado (cf. Lc 8,15). A fidelidade fundamental da Igreja sempre se realiza em sua conexão com a Palavra de Deus, coração de toda a teologia. O sangue jorrado como sangue arterial vai recolhendo o sangue venoso para purificá-lo e oxigenar o povo de Deus. De novo, os movimentos

centrípetos e centrífugos se completam. Essa fidelidade exige gestos concretos de sístole e diástole. Mandar o sangue bom e purificar o sangue ruim. A fé está sempre em busca de inteligibilidade e vive a conversão cotidiana. Essa busca como Igreja e sentindo com a Igreja o desafio da vida dos pobres nos leva a proclamar que Deus é a bem-aventurança, a bênção maior da humanidade. Assim dizia o frade dominicano Marie-Dominique Chenu (1895-1990): “Aquilo mesmo mediante o qual a teologia é ciência é aquilo pelo qual ela é mística”.

A relação entre Deus e os pobres é umbilical e permanente. Assim podemos compreender uma frase lapidar de Santo Tomás de Aquino (1227-1274), o Doutor Angélico: “Para o teólogo que faz bem seu trabalho, o vinho não é enfraquecido com a água, é antes a água que se transforma em vinho”. Ou, parafraseando Blaise Pascal (1623-1662), ousamos dizer: “Todas as teologias não valem um gesto autêntico de solidariedade com os pequeninos”. Só é possível haver o gesto de amor sincero aos pobres e oprimidos se este for movido pela graça que age em nosso coração. Sem graça, toda desgraça permanece ou é manipulada. Na graça e pela graça, qualquer mal é transfigurado. A interioridade junto ao amado nos ensina que Deus sempre nos ama primeiro. Assim ouvimos Santo Agostinho de Hipona (354-430): “Ama e faz o que quiseres”. Eis a chave de uma boa teologia e a prova dos nove de qualquer teólogo engajado. Ser um “cristão

da Igreja em saída” significa insistir a tempo e a contratempo diante dos opressores e sistemas que matam os pobres, como fez, durante doze anos de seu pontificado, o amado e saudoso papa Francisco (2013-2025). É preciso sair dos muros seguros das instituições religiosas, para sermos “queimados” pelo coração em chamas de Deus. Quem ama de verdade a Deus necessita amar o pequenino, o simples, o último, o que carrega fardos pesados, os enfermos, os desprezados e os esmagados no corpo e na alma. É mão dupla. Quem ama conhece a Deus, diz São João. Quem assume o pobre como outro Cristo assume o que há de mais radical no cristianismo: o amor efetivo e eletivo entre os humanos como revelação do Deus que é fonte de amor. Assim, ao lado dos pobres, fazemos teologia mística como ofertório vital. O fruto da videira se torna vinho de salvação. Ao lado dos pobres, nasce gente santa. Ao lado dos pobres certamente se está ao lado de Deus. Uma Igreja pobre para os pobres pode curvar-se e assumir o sacramento da toalha, fazendo-se tão divina por ser assim tão humana. Como exemplificou Gesché: “O cristianismo não pode dissociar a sorte de Deus e a do ser humano. É o que inscreveu a encarnação na história”. François-René de Chateaubriand (1768-1848), em *Os mártires*, narra o episódio de um pagão e de um cristão que encontram um pobre. Como o cristão doa seu manto, o pagão diz ao cristão: “Certamente você pensou que fosse um deus?” “Não”, responde o cristão, “eu pensei que fosse um ser humano” (Gesché, 2004, p. 39).

Seguir Jesus exige rever convicções e práticas. Significa descida ao subsolo do mundo dos pobres e mergulho nesse mundo. Assim ouvimos do bispo de Roma:

Não precisamos de uma Igreja sentada e assistente, mas de uma Igreja que acolhe o grito do mundo e – quero dizê-lo e talvez alguém se escandalize – uma Igreja que suja as mãos para servir o Senhor. Irmãos e irmãs: não uma

“A teologia do papa Francisco e seu jeito pastoral de agir assumem ‘o cheiro das ovelhas’, o que muda a reflexão, tornando-a ‘teoflexão’ concreta, ou seja, uma inspiração daquele que silencia diante do mistério e, ao mesmo tempo, muda o próprio itinerário vital para estar nas periferias do mundo, assumindo-as.”

Igreja sentada, mas uma Igreja em pé. Não uma Igreja muda, mas uma Igreja que acolhe o grito da humanidade. Não uma Igreja cega, mas uma Igreja iluminada por Cristo, que leva aos outros a luz do Evangelho. Não uma Igreja estática, mas uma Igreja missionária, que caminha com o Senhor pelas estradas do mundo (Francisco, 2024).

CONCLUSÃO

Nossa tarefa atual, ao continuar o programa do papa Francisco, com a condução do papa Leão XIV, exige produzir remos para que o barco da Igreja se lance ao mar e, submetido ao Espírito Santo, acuda os naufragos que confiam suas frágeis existências àqueles que, guiados pelo Pai de Jesus Cristo, sabem que nos salvamos em comunhão. No pobre e no pequenino, Deus faz sua morada. A Igreja de Cristo Jesus, o profeta do Reino, deve manter-se fiel aos pobres, como escreveu São Gregório de Nissa: “Os pobres são os ecônomos de nossa esperança, os guardiães do Reino celeste, que abrem as portas aos justos e as fecham diante dos egoístas e maus. A prosperidade de uma só casa na cidade poderia salvar uma multidão de pobres, contanto que não se interpusse o obstáculo da avareza e do egoísmo do patrão”.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCISCO, Papa. *Homília na conclusão da Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 27 out. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2024/documents/20241027-omelia-conclusionone-sinodo.html>. Acesso em: 9 jun. 2025.

FRANCISCO, Papa. Prefácio. In: MÜLLER, G. L. *Pobre para os pobres: a missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 6.

GESCHÉ, A. *Deus para pensar o Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

ROMERO, O. *La voz de los sin voz*. San Salvador: UCA, 1980. p. 370.

OS MANDAMENTOS

Papa Francisco



PAPA FRANCISCO
OS MANDAMENTOS

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Com linguagem simples e acessível, o papa mostra que os mandamentos não são regras frias, mas caminhos de liberdade e amor. Uma obra que ajuda você a viver os mandamentos no dia a dia com sentido e alegria.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11
loja.paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Ir. Dra. Izabel Patuzzo (IP)*

Prof. Ms. Celso Loraschi (CL)**

Ir. Dra. Zuleica Aparecida Silvano (ZAS)***



ACESSE TAMBÉM O PROGRAMA
PALAVRA VIVA PELO CÓDIGO QR
AO LADO.



Novembro

Os cantos das celebrações, bem como as respectivas indicações de autoria e as partituras, podem ser acessados por meio dos códigos QR ao lado. Ouça os álbuns da Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.



Dezembro

TODOS OS FIÉIS DEFUNTOS (IP; CL)

2 de novembro

Habitar para sempre na tenda do Senhor

I. INTRODUÇÃO GERAL

Entre as certezas que carregamos em nossa vida de filhos e filhas de Deus está a finitude de nossa existência. Todos passamos pela experiência da partida definitiva de amigos e familiares para a eternidade. Tanto o nascimento como a morte fazem parte do ciclo da vida, da ordem natural. Segundo o ensinamento da Igreja, a morte é o fim de nossa missão na terra e a passagem para o ciclo final da existência, quando entramos na comunhão definitiva com Deus. Nossa caminhada terrena é medida pelo tempo, no decorrer do qual buscamos crescer e amadurecer na relação de amor com Deus e com aqueles com os quais convivemos. Nessa caminhada, envelhecemos, como acontece com todos os seres vivos da natureza, e a certeza da morte nos faz lembrar que nosso tempo aqui é limitado.

O sentido de urgência que esse tempo limitado desperta pode nos tornar conscientes, a cada dia, da importância de qualificar nossas relações familiares e de amizade, na busca de um trabalho digno e construtivo para nós e para os outros. E assim, atentos às necessidades dos que nos rodeiam, alcançar a plenitude de nossa vida espiritual. Que nossa passagem por este mundo seja um testemunho, uma contribuição à humanidade. Como cristãos, somos movidos pela fé na ressurreição, e nossa mortalidade futura deve nos inspirar a viver na expectativa de estar eternamente com Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 3,1-9)

O texto do livro da Sabedoria nos enche de confiança e nos ensina que Deus cuida de todas as pessoas que vivem segundo sua justiça. Ele não é indiferente ao sofrimento de quem cumpre seus ensinamentos. Sua graça e misericórdia se estendem a todos os que depositam nele sua confiança. A leitura nos apresenta uma vida futura feliz, na qual iremos experimentar a convivência

*Ir. Izabel Patuzzo, da Congregação Missionárias da Imaculada, pime. Mestra em Aconselhamento Social pela South Australian University e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutora em Teologia Bíblica pela PUC-SP.

**Celso Loraschi, mestre em Teologia Dogmática, com concentração em Estudos Bíblicos, pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção (SP), é autor do roteiro do Evangelho de Todos os Fiéis Defuntos e do roteiro da festa da Dedicção da Basílica do Latrão.

***Ir. Zuleica Aparecida Silvano, religiosa paulina, mestra em Ciências Bíblicas (Exegese) pelo Pontifício Instituto Bíblico (Roma) e doutora em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), é autora do roteiro da festa da Sagrada Família.

com Deus; por isso, exorta-nos a viver na justiça. A pessoa sábia tem uma conduta virtuosa e confia em Deus; essas qualidades tornam possível a união com ele. Quem escolhe os caminhos do Senhor não está livre de sofrimentos e provações, mas quem espera nele compreenderá a verdade e o amor, pois somos chamados para a imortalidade. Por conseguinte, o autor sagrado afirma que a vida do justo está nas mãos de Deus. Os seres humanos são destinados à imortalidade, dom divino.

2. II leitura (Ap 21,1-5a.6b-7)

O tema central da segunda leitura é a descrição do mundo novo que Deus está para criar. A visão de João do novo céu e da nova terra remete à realidade de um mundo em que a violência, a maldade e a injustiça já não têm lugar. Desse modo, Deus pode estabelecer sua tenda no meio do povo, enxugar toda lágrima e eliminar todo sofrimento que aflige a humanidade. O primeiro céu e a primeira terra, que já passaram, simbolizam o mundo corrompido pelo pecado. Somente Deus é capaz de recriar o novo paraíso.

Sua voz, vinda do trono, fala diretamente com os fiéis ouvintes, afirmando que ele remove toda origem da tristeza e declarando que irá renovar o mundo. Esse texto encoraja os fiéis a considerar o poder e a confiabilidade de Deus. Aqueles que permanecerem fiéis a Jesus Cristo experimentarão a nova criação. O próprio Senhor declara que tudo está consumado; ele tem o poder de renovar todas as coisas, todas as pessoas e o coração de cada um, pois está no princípio e no fim de tudo que existe. Tem controle sobre a história e garante sua bênção aos vencedores, ou seja, a todas as pessoas que vivem segundo sua justiça. Estas não experimentarão a segunda morte, que, na linguagem do Apocalipse, significa a morte espiritual. Ser vencedor no caminho do discipulado é um desafio, pois exige uma

vida inteira de fidelidade a Jesus Cristo e a capacidade de resistir a todas as propostas daqueles que se opõem aos ensinamentos das Escrituras.

3. Evangelho (Lc 7,11-17)

O relato do episódio da ressurreição do filho da viúva de Naim encontra-se somente no Evangelho de Lucas. Tem estreita ligação com um episódio da vida de Elias (1Rs 17,17-24): ambos tratam da morte do filho único, cuja mãe é viúva. Os filhos únicos representam a garantia de futuro para as famílias. A situação de morte não pode deixar acomodadas as pessoas que servem a Deus.

Nos Evangelhos, os sinais de cura e libertação, em sua maior parte, são realizados por Jesus em atendimento à súplica dos necessitados. No caso da viúva de Naim, porém, é Jesus mesmo que toma a iniciativa de ir ao seu encontro. “Seus discípulos e numerosa multidão caminhavam com ele.”

Naim é uma cidade amuralhada. Do seu interior para a porta vem uma procissão, acompanhando o enterro do filho único de uma viúva. “Grande multidão da cidade estava com ela.” Duas procissões em sentido contrário encontram-se na “porta da cidade”. Jesus vê a situação em que se encontra aquela mãe e fica comovido, isto é, “ele é movido em suas entranhas”, conforme o verbo grego *splanchnizomai*. É o mesmo sentimento de amor e compaixão que leva o samaritano a socorrer a pessoa espancada e abandonada à beira do caminho (10,33); é também o mesmo sentimento que leva o pai do filho pródigo a ir correndo ao seu encontro, acolhê-lo nos braços e beijá-lo (15,20).

Jesus, movido pela compaixão, dirige-se à mulher com palavras de consolação e esperança: “Não chores”. Não são palavras de meras condolências. Ele se aproxima, toca no esquite e pede que o jovem se levante. Percebem-se, aqui também, como na narrativa

de Elias, alguns verbos-chave reveladores da metodologia que proporciona a transformação de uma realidade de morte.

As pessoas que testemunham o fato glorificam a Deus, reconhecem Jesus como profeta e exclamam: “Deus visitou o seu povo”. É o eco do cântico de Zacarias, que bendiz a Deus “porque visitou e redimiu o seu povo e suscitou-nos uma força de salvação” (1,68s). Não é por acaso que Lucas situa o fêretro vindo da cidade, lugar onde o poder se articula e se organiza. É como um seio que, ao invés de gerar a vida, provoca a morte. Jesus, força de salvação, vem com outro projeto, que faz parar essa procissão de gente sem vitalidade. Junto com a vida, também restitui ao jovem a palavra. O povo, assim, é chamado a resgatar o direito à palavra e à vida e tornar-se protagonista de uma nova sociedade.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A fé na vida eterna nos ajuda a adotar um estilo de vida em conformidade com o projeto de salvação que o Senhor nos oferece. Esse projeto de salvação consiste em continuamente nos esforçarmos para crescer na justiça, na concretização do amor ao próximo, na construção de um mundo segundo os ensinamentos de Jesus, buscando não a sabedoria deste mundo, mas a sabedoria divina.

Os sofrimentos da existência presente não são um drama sem sentido e sem finalidade. A liturgia deste dia nos recorda que somos chamados a viver na esperança e na confiança; mesmo em meio a dores, cabe-nos caminhar em direção à vida plena que Deus nos oferece, em comunhão com ele e com todos aqueles que nos precederam nesse caminho.

Podemos fazer hoje a memória dos profetas e profetisas de nossos tempos. Podemos também levantar as situações de morte que nos desafiam hoje e valorizar as diversas ações

que estão sendo desenvolvidas em favor da vida, estimulando a participação e a criatividade para novas iniciativas.

Abraçar a fé cristã significa viver na confiança em Deus, que nos oferece uma vida plena. Por isso, nossa tarefa é nos comprometermos com a luta pela paz e pela justiça, na certeza de que as forças do mal não podem pôr em risco a vida que nos anima. Na medida em que nos comprometermos com o mundo novo, adotando atitudes que protegem a vida, estaremos aptos para habitar o novo céu e a nova terra que o Senhor preparou para nós.

DEDICAÇÃO DA BASÍLICA DO LATRÃO (CL)

9 de novembro

Com Jesus, os cristãos formam um templo espiritual

I. INTRODUÇÃO GERAL

“A basílica de São João do Latrão (dedicada a São João Batista e São João evangelista) em Roma foi a primeira catedral do mundo, por muito tempo considerada a igreja-mãe de Roma, e nela se realizaram as sessões de cinco grandes concílios ecumênicos” (*Missal Dominical*, Paulus, p. 1.409).

Celebrando a festa dessa igreja romana, catedral do bispo que “preside na caridade” entre os demais bispos do mundo inteiro, lembramos também todas as catedrais e dioceses e o vínculo de unidade entre elas. Os textos bíblicos ressaltam não os templos de pedra, mas o novo templo “espiritual” que gera vida; apontam para a vida que brota do seio de Deus (templo de Jerusalém) e se destina a todos (I leitura). O templo, anunciado por Ezequiel como fonte de vida, tornou-se fonte de exploração e morte. E o Messias declara sua superação, sendo substituído pelo corpo de Cristo Jesus. Ele é o novo templo onde Deus se encontra e se manifesta plenamente (Evangelho). Paulo, escrevendo aos

coríntios, mostra Jesus como base-alicerce insubstituível da comunidade, comparando-a com um santuário, construído, porém, com pedras vivas. A comunidade, construída sobre o alicerce que é Cristo, é templo de Deus e moradia do Espírito (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ez 47,1-2.8-9.12)

O profeta Ezequiel exerce sua atividade entre os anos 593 e 571 a.C. Sacerdote exilado na Babilônia com uma parte do seu povo, ele anuncia as sentenças de Deus. Com sua linguagem simbólica, Ezequiel indica os passos para a construção do mundo novo: assumir a responsabilidade pelo fracasso histórico de um sistema que se corrompeu completamente, provocando a ruína de toda a nação; converter-se para Deus, assumindo seu projeto; e, com base nisso, construir uma sociedade justa e fraterna, voltada para a liberdade e a vida. Com esse “programa profético”, vislumbramos um futuro novo: Deus volta para o meio de seu povo, provocando o surgimento de uma sociedade radicalmente nova.

Os versículos escolhidos para a primeira leitura desta festa falam desse “futuro novo” vislumbrado pela conversão. Pertencem a uma seção maior (capítulos 40-48), que tem como tema central “Deus no meio do seu povo”. Nesses capítulos aponta-se para uma “nova Jerusalém”, tendo como centro vital o templo, onde habita o Deus que caminha com seu povo.

O tema central desses cinco versículos passa pelas palavras *templo* e *água*. Ezequiel percebe que sai água do templo em direção ao oriente. O volume de água vai crescendo sempre mais, até superar o do rio Jordão (v. 5, ausente na leitura). A rota das águas é marcada pela vida. Ao entrar no mar, a água do templo torna-se potável. Por isso, por todo lugar por onde passar a torrente,

OS ATOS DOS APÓSTOLOS

Papa Francisco



CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

O livro reúne as catequese do papa Francisco de 2019, todas baseadas no livro bíblico dos Atos dos Apóstolos.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

os seres vivos que a povoam terão vida. “Haverá abundância de peixes, pois, aonde quer que essa água chegue, ela levará vida, de modo que haverá vida em todo lugar que a torrente atingir” (v. 8-9).

Como se pode ver, trata-se de água extremamente fecunda, portadora de vida para os seres que nela vivem. E essa água sai do templo onde mora Deus. É, portanto, mensageira de vida do Deus da vida que habita no meio do seu povo. O mar Morto chama-se assim porque, apesar de receber todo o volume de água doce do rio Jordão, não tem vida nem vazão. É, pois, símbolo de ausência de vida, sinônimo de morte. Contudo, com a água que sai do templo, torna-se extremamente fecundo, e não somente para a fauna.

O Novo Testamento apropriou-se dessa imagem de Ezequiel em várias ocasiões. As mais significativas estão na literatura joanina: a água que jorra do lado aberto de Jesus (Jo 19,34) e a descrição da nova Jerusalém em Ap 22,2.

2. II leitura (1Cor 3,9c-11.16-17)

Na comunidade de Corinto haviam surgido “panelinhas” em torno dos principais evangelizadores que por lá passaram: Paulo, Apolo, Cefas... (1Cor 1,12), o que gerava tensões na comunidade. Paulo, na primeira carta aos Coríntios, ajuda a entender melhor essa tensão comunitária. Mostra aos coríntios que Cristo é o centro da comunidade e sua razão de ser, ao passo que os agentes de pastoral não o são. Em outras palavras, Paulo, Apolo, Cefas e tantos outros evangelizadores são como que instrumentos que conduziram e conduzem os coríntios a Cristo. Esse tema aparece na carta em 1,10-17; 3,1-17; 4,1-13.

Um pouco antes (3,5), Paulo afirmou que ele e Apolo são servidores de Deus, por meio dos quais os coríntios foram conduzidos à fé, e cada um deles agiu conforme os dons que Deus lhe concedeu. Agora, porém, Paulo sente necessidade de

falar da comunidade, comparando-a com uma lavoura e com uma construção (v. 9c). Ele, fundador da comunidade de Corinto, compara-se ao bom arquiteto que iniciou a construção, o grupo cristão naquela cidade. Outros agentes de pastoral, a seguir, deram sequência ao trabalho iniciado por ele. Foi o que aconteceu com Apolo e, provavelmente, Cefas. Todavia – garante Paulo –, o alicerce não pode ser mudado: Jesus Cristo. Ele é a razão de ser, o centro, a base sobre a qual nasceu e se constrói a comunidade cristã. Ninguém pode mudar esse alicerce.

Paulo continua seu raciocínio: se a base-alicerce é Cristo Jesus, como definir a construção-comunidade que se ergue sobre essa base? Eis, então, que surge uma das grandes convicções de Paulo a respeito do perfil da comunidade cristã: “Vocês não sabem que são templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês?” (v. 16). Certamente Paulo, na primeira fase da evangelização em Corinto, quando aí permaneceu por dezoito meses (At 18,11), dissera essas coisas à comunidade nascente. Agora lhes recorda isso em forma de pergunta, e a resposta que os próprios coríntios deveriam dar é esta: “Sim, nós sabemos que somos templo de Deus. E sabemos que o Espírito dele habita em nós”.

3. Evangelho (Jo 2,13-22)

Por ocasião da festa da Páscoa, a cidade de Jerusalém se enchia de peregrinos. A Páscoa era, para os judeus, a festa principal, pois nela o povo recordava a libertação da escravidão do Egito. No tempo de Jesus, o povo ia a Jerusalém para essa celebração festiva. Contudo, a Páscoa deixara de ser uma festa popular e de vida por ser manipulada pelas lideranças religiosas, econômicas e políticas daquele tempo. O povo vai a Jerusalém para celebrar a libertação, mas o que lá encontra é a maior exploração. Pior ainda: parece que Deus está de acordo com tudo isso.

Além de ser o sustentáculo econômico da Judeia e de sua elite (dezoito mil funcionários, sacerdotes, levitas e outros, mais a promoção do turismo religioso), o templo era o grande negócio do pequeno grupo de sumos sacerdotes, formado praticamente pela família de Anás. Vendiam os animais a preço acima do mercado e, em seguida, os recebiam de graça para sacrificar e queimar parte deles em honra de Deus, enquanto o restante sempre lhes pertencia.

Jesus não concorda com essa situação. João nos mostra Jesus usando um chicote. Toca os animais e os vendedores para fora do templo. Manda que os vendedores de pombas tirem aquilo dali. Elas serviriam para as oferendas dos pobres, e era aí que se verificava a maior exploração, com o preço de um casal de pombos chegando a ser cinco vezes maior do que nas aldeias. Os pobres, não tendo condições de oferecer a Deus ovelhas ou bois, sacrificavam pombos para os ritos de expiação e purificação, bem como para os holocaustos de propiciação (cf. Lv 5,7; 14,22.30s). Com esse gesto, Jesus inaugura os tempos do Messias. Zacarias previa um tempo em que o culto estaria plenamente isento da exploração do povo. Para João, esse tempo chegou com Jesus. A partir de agora, já ninguém poderá, mesmo que o faça em nome de Deus, defender um culto ou religião que sejam coniventes com a exploração do povo.

Para aprofundar esse aspecto, é preciso ter presente a situação econômica vigente. Na época, a maioria das terras da Palestina estava nas mãos de latifundiários. Estes pertenciam à elite religiosa (sumos sacerdotes e anciãos) e moravam em Jerusalém. O sumo sacerdote era o presidente do sinédrio, o supremo tribunal que condenará Jesus à morte. Três semanas antes da Páscoa, os arredores do templo se tornavam grande mercado. O sumo sacerdote enriquecia com o aluguel dos espaços

para as barracas dos vendedores e cambistas. Os animais criados nos latifúndios eram conduzidos a Jerusalém e vendidos. A teologia veiculada pelo templo de Jerusalém era extremamente conservadora, isso porque os dirigentes do templo estavam por trás de todo o comércio que nele se desenvolvia.

Deus, o aliado dos sofrendores empobrecidos, sempre denunciou, por meio dos profetas, a exploração da religião. Ele é o Deus que ouve o clamor dos marginalizados. No entanto, a teologia veiculada pelo templo de Jerusalém afirmava o contrário. Para ser ouvido, Deus precisava ser comprado mediante sacrifícios. A ira de Jesus tem toda a razão de ser.

Os dirigentes, que se sentem lesados pelo gesto de Jesus, reagem. Eles o querem intimidar: “Que sinal nos mostras para agir assim?” (v. 18). Jesus lhes responde que sua morte e ressurreição serão o grande sinal: “Destruam este templo, e em três dias eu o levantarei” (v. 19). Temos aqui o centro do Evangelho deste dia. Jesus não só abole os sacrifícios do templo de Jerusalém, mas decreta que o novo templo será seu corpo, morto e ressuscitado. A essa altura o Evangelho de João já aponta para os responsáveis pela morte de Jesus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Fé e vida.* A verdadeira religião e a fé cristã são fonte de vida, conduzem-nos para a vida e a esperança, para a transformação da aridez e das situações de morte em situações de vida. A vontade de Deus é que o mundo e todas as pessoas tenham vida em abundância. Se temos Deus no coração, empenhamo-nos pela concretização dessa sua vontade.

– *Contra a ingenuidade e a exploração religiosa.* O Evangelho mostra que Jesus não compactua com uma religião que se torna simples fator econômico, explora e massacrava os pobres. Ainda que se diga que isso é em nome de Deus, são coisas que não se

sustentam diante da prática de Jesus e merecem acabar. A exploração da fé ingênua das pessoas termina à medida que essa fé deixa de ser tão ingênua e assume verdadeiramente Jesus como o centro.

– *Comunidade santuário.* A comunidade bem centrada em Jesus e coerente com seus ensinamentos e sua prática supera as tensões e adversidades e se torna santuário, fonte de vida para todos.

33º DOMINGO DO TEMPO COMUM (IP)

16 de novembro

Não tenhais medo!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Ao nos aproximarmos do fim do ano litúrgico, cujo último domingo é a solenidade de Cristo Rei do Universo, a ser celebrada na próxima semana, a liturgia deste 33º domingo do Tempo Comum nos relata os momentos derradeiros do ministério público de Jesus. Em linguagem simbólica, as leituras refletem sobre o sentido da história da salvação, apontando para a meta final, e Deus nos conduz para habitar no novo céu e na nova terra, isto é, no mundo novo que lutamos para construir com base nos valores evangélicos. A descrição de eventos como destruição, guerras, revoluções, lutas, terremotos, pragas, fomes e visões pode dificultar nossa compreensão da Palavra de Deus, na qual Jesus nos convida a não ter medo, porque o término desses sofrimentos está próximo.

A primeira leitura afirma que o dia do julgamento está chegando; o profeta Malaquias usa a imagem do fogo ardente na fornalha. Nesse dia, todos os arrogantes e malfetores se tornarão como palha. Aqueles, porém, que caminham na justiça resplandecerão como raios luminosos. O fogo é a imagem da purificação necessária do reino do mal, que é feito de escolhas individuais

e coletivas. Nossa experiência de Deus deve ser como o fogo, eliminando o mal por meio de escolhas que nos conduzam ao bem comum e à justiça.

A segunda leitura é forte convite a esperar a vinda definitiva de Deus não com uma atitude de comodismo, mas participando ativamente da construção do seu Reino. E o Evangelho complementa a mensagem deste domingo, apresentando o caminho que nossas comunidades devem percorrer. A missão que Jesus entrega aos seus discípulos consiste em transformar o mundo, para que as forças do mal não prevaleçam.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ml 3,19-20a)

O profeta Malaquias provavelmente exerceu seu ministério quando o segundo templo já havia sido reconstruído. O povo escolhido estava sob o domínio do Império Persa. O fato de estarem subjugados a um poder estrangeiro não impede que o profeta exorte o povo a permanecer entusiasmado pelas expectativas de reconstrução na terra. Depois do tempo devastador que foi o exílio da Babilônia, com a destruição de Jerusalém, Deus vai dar nova chance para o povo escolhido se reconstruir.

O significado do nome de Malaquias é “mensageiro de Deus”, por isso, em sua mensagem, o profeta encoraja o povo desanimado a prestar atenção e perceber os sinais que apontam para a realização das promessas de Deus, que já estão em curso. Diante da falta de esperança e da apatia do povo escolhido, em um contexto de dominação estrangeira, marcado por injustiças e arbitrariedades, Malaquias convida o povo a se levantar e reagir. Este não pode duvidar do amor de Deus, da sua justiça e do seu cuidado por Israel. A reconstrução depende do empenho e envolvimento de cada fiel.

O profeta dirige um convite a cada um para assumir o compromisso com Deus, pôr em prática o amor ao próximo e entrar na dinâmica da conversão, prestando verdadeiro culto ao Senhor. Ele exorta a comunidade dos fiéis a participar das assembleias litúrgicas no templo como sinal de pertença a Deus. A menção ao dia do julgamento significa que Deus conduz a história e irá intervir. O dia do Senhor não é o fim dos tempos nem o fim do mundo, mas o tempo em que Deus será, de fato, o único soberano de Israel, quando o povo escolhido depositará toda sua confiança nele, não desistindo de lutar pelo bem mesmo diante dos desvios dos soberanos deste mundo.

2. II leitura (2Ts 3,7-12)

Na segunda carta aos Tessalonicenses, o apóstolo Paulo retoma o tema do dia do Senhor. Aqueles que esperam, com entusiasmo, o tempo da parúsia devem adotar um estilo de vida condizente com a vinda triunfal de Jesus ressuscitado, permanecendo sóbrios e dedicados à oração.

A comunidade de Tessalônica está enfrentando sério problema pastoral. Devido à ausência e ao distanciamento de Paulo, a comunidade se deixou levar pela catequese da sinagoga judaica, que proclama que o dia do Senhor está próximo. Portanto, já não seria preciso se dedicar ao duro trabalho do dia a dia. Essa concepção errônea da parúsia faz que a comunidade se dedique apenas a futilidades, deixando de assumir as fadigas do dia a dia. Dessa forma, muitos estavam vivendo à custa dos outros. Paulo não pode aceitar essa atitude de acomodação, pois ele mesmo sempre se manteve com o próprio trabalho. A comunidade dos discípulos de Jesus é convidada a trabalhar com dignidade para manter seu sustento, e não ficar alienada, olhando para o céu; ao contrário, seus membros devem se envolver ativamente na construção do Reino de Deus.

A FAMÍLIA

Papa Francisco



PAPA FRANCISCO
A FAMÍLIA

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Neste volume, foram reunidas todas as catequese sobre a família, feitas no contexto das duas sessões do sínodo dedicado a este tema.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

3. Evangelho (Lc 21,5-19)

No texto do Evangelho, Jesus ensina sobre o futuro do templo de Jerusalém. A tradição evangélica conservou esses seus derradeiros ensinamentos, antes de sua condenação. A leitura faz parte dos últimos acontecimentos em Jerusalém, nos quais Jesus pronuncia seu discurso escatológico. A escatologia inclui toda doutrina acerca do fim dos tempos.

O discurso de Jesus, introduzido como decorrência de comentários sobre a beleza e o esplendor do templo de Jerusalém, anuncia sua destruição. A seguir, vem a pergunta dos discípulos sobre quando tal evento acontecerá. O ponto central do ensinamento de Jesus não é datar a destruição do templo, mas convidar seus seguidores à vigilância e à fidelidade, como preparação para os acontecimentos futuros. Nessa leitura, Jesus prediz a destruição do segundo templo, a qual, historicamente, ocorreu. Ele insiste que tal dia chegará de forma surpreendente e lamenta a atitude das autoridades religiosas de Jerusalém por conduzirem um culto vazio, que justifica a destruição.

O evangelista Lucas chama a atenção de seus ouvintes-leitores para o fato de que, após a destruição do templo, surgirão falsos messias e visionários que anunciarão o fim dos tempos, mas sua comunidade não os deve seguir. Jesus também fala dos sinais que irão preceder a destruição. O novo que irá surgir exige resistência e perseverança da parte dos discípulos. A questão fundamental é permanecer fiel no tempo intermédio entre a queda de Jerusalém e a segunda vinda de Jesus. É justamente nesse período que Lucas escreve sua obra, para ajudar sua comunidade a entender as adversidades enfrentadas e perseverar. Ele tem plena consciência de que a Igreja está lutando para dar testemunho da fé em Jesus Cristo e de que o martírio e a perseguição são uma realidade muito presente nas comunidades às quais se dirige.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras deste domingo não estão preocupadas com o fim do mundo. A questão fundamental é o percurso que nos cabe fazer enquanto esperamos a plenitude dos tempos, segundo os desígnios de Deus. É a esperança de que Deus conduz a história que deve acompanhar nosso caminhar, e não o medo do fim do mundo.

O caminho do discipulado é, sem dúvida, permeado por provações, adversidades e luta contra todas as formas de mal. Jesus se encontra em Jerusalém para enfrentar a morte e não esconde que seus seguidores passarão pelos mesmos confrontos. Essas, porém, são as condições para construir o novo que irá surgir. O templo foi destruído, mas a Igreja, alicerçada na fé dos apóstolos, resistiu a todas as adversidades e atravessou o tempo.

Assistimos a muitas especulações acerca do fim do mundo, mas será que conseguimos identificar, em nosso tempo, sinais que apontam para o risco de destruição da humanidade? Povos se levantando uns contra os outros, descaso com a natureza, fome, diversas formas de intolerância, divisão e *fake news*, falta de vida e de liberdade são acontecimentos que nos levam a ter medo ou, antes, a dirigir nosso clamor a Deus, para que a fé na ressurreição fortaleça nosso compromisso de construir um mundo sem medo, permeado de esperança?

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO,
REI DO UNIVERSO (IP)

23 de novembro

A realeza de Jesus: doar a vida pela humanidade

I. INTRODUÇÃO GERAL

Nesta solenidade, a Igreja celebra a realeza de Jesus como o ungido do Pai que ofereceu sua vida no altar da cruz para redimir todos os povos. Para o cristão, ele é o único Rei

do universo, porque aceitou a missão que o Pai lhe confiou de construir um Reino de paz, justiça e amor.

A primeira leitura recorda a história da monarquia em Israel. Samuel teve a difícil missão de ungir Saul, o primeiro rei de Israel, e foi o último juiz a liderar o povo escolhido. A transição do sistema tribal para o monárquico não foi pacífica, pois, para muitos fiéis, representou a recusa da soberania do Senhor Deus como o único que devia governar seu povo. A leitura faz pensar em Davi ainda quando era pastor e defendia seu povo e retrata a primeira etapa da liderança do novo rei.

Na segunda leitura, Paulo apóstolo, na carta aos Colossenses, descreve Jesus Cristo como a imagem do Deus invisível, cuja divindade toda a obra da criação reconhece. Ele é a única autoridade admitida pela comunidade de fé, pois, com seu sangue, redimiu a humanidade.

No Evangelho, Lucas relata o último diálogo de Jesus na cruz, quando um dos malfeitores que foi crucificado com ele reconhece sua inocência diante das acusações que lhe foram feitas. Esse malfeitor confessa que Jesus não cometeu nenhum pecado e pede que seja acolhido por ele no seu Reino eterno.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Sm 5,1-3)

O texto mostra Davi em Hebron, capital das tribos do Sul de Israel, onde recebe representantes das tribos do Norte, que também desejam aclamá-lo rei de todo o povo. Diante da proposta dos anciãos das tribos, Davi aceita ser rei. Trata-se do primeiro rei de Israel a unir todas as tribos, que estavam divididas pelas disputas entre Saul e Davi.

Os relatores do segundo livro de Samuel pertencem a um grupo de israelitas preocupados em manter a memória do rei Davi, sobretudo do período de prosperidade, quando

ainda era próximo do povo. Davi é descrito mais como um pastor de seu povo do que como rei. Ele é ungido para apascentar Israel. Desse modo, sua realza é apresentada como querida por Deus. Assim, Davi deve ser um representante do próprio Deus no meio do povo. Ele passa a ser lembrado como um mediador entre Deus e o povo, exercendo a função de apascentar, isto é, de cuidar do povo que Deus lhe confia.

Embora o reinado de Davi tenha sido marcado por desvios da Aliança, por conflitos, guerras, conquistas e submissão de outros povos, além de crimes e injustiças, ele foi o rei mais lembrado pelo povo, particularmente por buscar a unidade entre as doze tribos. Resolveu conflitos com alguns povos que atacavam as tribos de Israel e, desse modo, garantiu certa estabilidade política. Ficou marcado como aquele que trouxe a paz para o povo. O Novo Testamento estabelece sua relação com Jesus na perspectiva da descendência. Jesus é o verdadeiro Messias, rei de Israel da linhagem de Davi.

2. II leitura (Cl 1,12-20)

No tempo de Paulo, Colossas era uma pequena cidade na Ásia Menor, situada numa região chamada Frígia, no vale do rio Lico, próximo de Laodiceia e Hierápolis. Toda essa área, que hoje faz parte da moderna Turquia, foi evangelizada por Paulo e pelo ancião João. A maioria dos habitantes dessas cidades, bem como de toda a região, eram gentios, embora historiadores digam que Antíoco III, o Grande (223-187 a.C.), decidiu transportar duas mil famílias judias da Babilônia para Lídia e Frígia. Atos 2,10 menciona que moradores da Frígia estavam entre os judeus que ouviram o discurso de Pedro em Jerusalém no dia de Pentecostes.

Paulo não foi o fundador da comunidade cristã de Colossas. Epafras, um colossense que havia sido convertido pelo apóstolo em Éfeso, foi quem trouxe a fé para Colossas e,

provavelmente, também para Laodiceia e Hierápolis. Enquanto estava preso em Roma, Paulo foi visitado por Epafras, que o informou sobre as perigosas tendências doutrinárias de alguns mestres locais. Tais ensinamentos eram produtos de influências judaicas e pagãs que propagavam particular crença acerca de seres angélicos. Segundo essa doutrina, os anjos tinham controle sobre os assuntos humanos e até mesmo sobre toda a criação. Tal crença pôs em risco a divindade de Jesus Cristo, que passou a ser considerado como um dos anjos, o mais poderoso entre os muitos mediadores entre Deus e o universo. Paulo teve de enfrentar esses erros com vigor e apontar claramente o lugar por excelência de Cristo como aquele que está acima de qualquer anjo ou potestade.

O judaísmo tentou reapresentar essas doutrinas, inserindo-as em suas referências à observação do descanso sabático, às celebrações litúrgicas e à prática da circuncisão, para acomodar os prosélitos que as compartilhavam. Em alguns círculos do judaísmo, havia forte crença na mediação dos poderes dos anjos. Paulo, com muita convicção, pregou a primazia de Jesus Cristo como o Senhor de todo o universo. O apóstolo desenvolveu sua catequese sobre a plenitude da divindade de Cristo, esclarecendo que de nenhuma forma sua natureza divina poderia ser compartilhada por qualquer outra criatura. Em Jesus Cristo, Deus revelou toda a plenitude de seu poder. Por sua morte na cruz, Jesus obteve a vitória sobre todas as forças que poderiam controlar o universo.

3. Evangelho (Lc 23,35-43)

O relato da paixão de Jesus segundo Lucas faz parte do destino final do Messias, já profetizado nos cânticos do Servo sofrendor pelo profeta Isaías. No lugar chamado Caveira, ou Crânio, ele é crucificado entre dois malfeitores, insultado pelas autoridades

e pelos soldados romanos e oficialmente identificado como “o rei dos judeus”.

O evangelista faz uma distinção entre a multidão silenciosa, que assiste de longe, e aqueles que dirigem insultos a Jesus, como os chefes dos judeus e os soldados. Na cena seguinte, um dos malfeitores que foi crucificado com Jesus também o insulta. Esse triplo insulto constitui o núcleo da extensão lucana da cena da crucificação, que outros evangelistas não relatam. Em todos esses insultos, aparece o verbo “salvar”. Os insultos dirigidos a Jesus pelas autoridades judaicas e pelos soldados também são relatados no Evangelho segundo Marcos, mas o último foi adicionado por Lucas. Esse completa a tríade de insultos que sublinham a divindade de Jesus, humilhado até a morte de cruz para salvar a humanidade. Ele foi crucificado precisamente como Salvador-rei, que deu a vida para a construção de um Reino de amor, paz e justiça. A inscrição na cruz traz o título – irônico aos olhos do mundo – que resume quem, de fato, Jesus é: o Rei eterno de todo o universo. A cruz foi seu trono, expressão máxima de uma vida feita de entrega e amor. É nesse sentido que o relato de Lucas nos convida a entender a realza de Jesus.

O pedido de um daqueles que foram crucificados com ele – “Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino” – é seguido pela resposta: “Hoje mesmo estarás comigo no paraíso”. Trata-se do lugar da vida em plenitude e definitiva que Jesus, Rei do universo, concede àqueles que acolhem sua proposta de salvação.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Celebrar a solenidade de Jesus, Rei do Universo, não é convite para fazer memória de um Deus forte, que submete a todos por meio de um poder dominador. Ele não se impõe aos seres humanos por sua

onipotência, mas é Deus que põe toda sua autoridade a serviço da vida, tem imensa ternura e doa sua vida numa morte humilhante na cruz para elevar a criatura humana.

Sua lógica de realza se opõe totalmente à lógica dos poderes deste mundo. Diante de um rei despojado de tudo, que faz da cruz seu trono de entrega e amor, somos convidados a repensar que modelo de autoridade buscamos. O discipulado instituído por Jesus não precisa de um território geográfico, não precisa de um poder terreno instituído, como os Estados políticos que conhecemos. A Igreja que nasce aos pés da cruz é chamada a ser comunidade servidora, seguindo o exemplo de Jesus, Rei do universo. É nesse sentido que a liturgia deste domingo nos convida a repensar nossos valores e toda a nossa existência. Diante de um rei pregado na cruz, insultado, sem nenhuma honraria, nenhum aplauso, nenhum exército para defendê-lo, como podemos pôr nossa vida a serviço dos outros com o mesmo despojamento?

1º DOMINGO DO ADVENTO – ANO A (IP)
30 de novembro

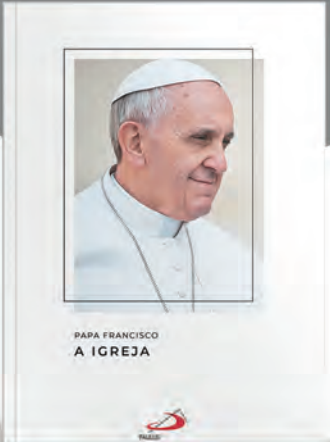
Preparai-vos, pois o Senhor está para chegar!

I. INTRODUÇÃO GERAL

O 1º domingo do Advento marca o início de novo ano litúrgico para a Igreja. O Advento é, para nós, um tempo de graça que nos ajuda a bem preparar o Natal. A celebração da vinda do Senhor deve ser preparada, em primeiro lugar, em nosso coração. Dois elementos centrais de nossa fé caracterizam este tempo de espera: o nascimento do Salvador, que se encarna na realidade humana, e sua vinda final gloriosa, no fim dos tempos. Os temas-chave da época do Advento são a espera vigilante, a preparação dos caminhos do Senhor e a conversão, como busca da justiça e do amor.

A IGREJA

Papa Francisco



PAPA FRANCISCO
A IGREJA

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Foram reunidas todas as catequese sobre a Igreja, feitas no contexto das duas sessões do sínodo dedicado a este tema.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Na primeira leitura, o profeta Isaías convida toda a comunidade dos fiéis, todas as raças e nações, a se dirigirem para a montanha, o lugar do encontro com o Senhor. E desse encontro com Ele e com sua Palavra nasce um novo mundo de concórdia, harmonia e paz. O Senhor faz de todas as nações um só povo, reunido ao seu redor.

Pode ser desafiador ficar acordado a noite toda, seja cuidando de um parente doente, seja esperando um ente querido voltar de viagem. A segunda leitura e o Evangelho mencionam o tema do ficar acordado, aguardando o Senhor Jesus voltar em sua glória. No Evangelho de Mateus, Jesus diz a seus ouvintes que fiquem despertos, pois não sabem o dia em que o Senhor virá. Ele recorda que, nos dias de Noé, as pessoas cuidavam de seus negócios até que veio o dilúvio e não perceberam os sinais da catástrofe. Portanto, adverte seus discípulos de que eles devem estar preparados para a vinda do Filho do Homem.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 2,1-5)

O texto de Isaías é um oráculo que se encontra também no livro do profeta Miqueias, o que indica que era uma fórmula conhecida nos círculos proféticos. O profeta anuncia que nova ordem está para surgir. A escolha de Sião como morada do Senhor Deus, como lugar de proteção especial, tem como objetivo ressaltar que a peregrinação das nações não é para confrontos e destruição, como muitas vezes acontecia. O motivo da grande assembleia é destruir as armas de violência e construir a paz.

A mensagem central do texto é a busca da instrução na Lei do Senhor. O verdadeiro significado da Torá é traduzir em ações concretas a retidão e a justiça; trata-se de um comportamento ético-moral de quem busca trilhar os caminhos do Senhor. O anúncio

profético se projeta para uma realidade futura. A diferença entre o presente e o futuro ideal aqui descrito é que, no presente, a Torá está sendo rejeitada até mesmo pelo povo escolhido, enquanto, no futuro, todos irão pautar sua vida na acolhida dos ensinamentos do Senhor. A paz aqui descrita exige renunciar a todas as guerras, ao pensamento de conquista, à subjugação de um povo por outro, e acolher, em sua inteireza, as normas prescritas pelo Senhor.

A visão do profeta é sobre o monte onde está o templo do Senhor. Lá é sua morada, e o desejo do Senhor é fazer todos os povos convergirem para ele. Ele proporcionará esse encontro de paz entre todos os povos e raças. Assim, já não haverá divisões nem inimizades. À medida que todos se reúnem ao redor do Senhor, escutam sua Palavra e aprendem seus caminhos, as intrigas, divisões, guerras, hostilidades e conflitos vão se desfazendo. Desse encontro harmonioso com Deus e entre as nações resulta o progresso, o entendimento entre os povos, a cooperação, a abundância e a paz.

2. II leitura (Rm 13,11-14a)

O apóstolo Paulo provavelmente compôs a carta aos Romanos durante sua terceira viagem missionária, quando estava em Corinto. Ele estava se preparando para partir para Jerusalém a fim de levar a coleta que havia feito nas comunidades da Ásia Menor em benefício da comunidade mãe, que passava por privações.

A mensagem do texto é uma exortação escatológica dirigida aos cristãos de Roma; eles devem perceber que já estão vivendo um tempo de graça. Aqueles que abraçaram a fé em Jesus Cristo são chamados a expressar, por meio de suas ações, sua identidade cristã e adotar uma conduta de discípulos do Senhor. Portanto, esse é o tempo para que os cristãos vivam a própria fé, agindo por meio da caridade. É hora de acordar,

porque a salvação está próxima. Ao dizer que a noite avançou, Paulo está sugerindo que não há muito tempo a separar os cristãos de seu destino final, que é a comunhão com Cristo. A leitura proposta para este domingo exorta os cristãos da comunidade de Roma a expressar o amor mútuo e permanecerem vigilantes até a vinda do Senhor, quando ele concluirá a história da salvação, no fim dos tempos.

Paulo, assim como seus contemporâneos, certamente acreditava que a segunda vinda de Jesus Cristo seria em um futuro não tão distante. Ele viria para concluir a história da salvação. Havia grupos religiosos que faziam especulações em torno dessas expectativas, mas o apóstolo não estava interessado em quando isso iria acontecer, e sim no modo como os cristãos deveriam aguardar a segunda vinda do Senhor; quais eram as consequências e o testemunho que deveriam dar no tempo dessa espera.

3. Evangelho (Mt 24,37-44)

O Evangelho deste domingo é uma parte dos últimos discursos de Jesus antes da sua paixão e morte, em Jerusalém. O tema central dessa seção é a vinda do Filho do Homem, um dos títulos atribuídos ao Messias enviado por Deus. Sua chegada deve ser precedida por uma série de atitudes que indicam a vigilância daqueles que aguardam o Senhor.

Mateus contempla a realidade de sua comunidade, que provavelmente já havia presenciado a destruição do templo de Jerusalém. Preocupado com os sinais de abandono, de acomodação e de esfriamento no testemunho, ele sente a necessidade de renovar o compromisso de fé. É preciso reconstruir a esperança dos membros de sua comunidade, fazendo uma retrospectiva da história da salvação. O discurso de Jesus toma como exemplo o que aconteceu no tempo de Noé. Muitas pessoas tiraram conclusões

erradas e ignoraram os sinais que precederam a inundação, porque estavam preocupadas somente com as coisas passageiras e foram completamente descuidadas com as coisas que dizem respeito a Deus.

O evangelista explicita que essa ignorância estúpida e culposa levou à destruição total de todos aqueles que não foram atentos aos sinais dos tempos. Tomando fatos conhecidos da história, o evangelista exorta a comunidade a permanecer vigilante e a reconhecer os sinais que precedem a chegada de Deus. Essa exortação se fundamenta na profunda convicção de que a vinda de Jesus Cristo é certa, ainda que não aconteça em breve. Porém, enquanto tal momento não chega, é preciso estarmos preparados para esse grande evento, vivendo de acordo com os ensinamentos do Mestre e Senhor, pois ninguém sabe nem o dia nem a hora em que tudo isso sucederá. O verdadeiro discípulo está sempre atento e vigilante, preparado para acolher o Senhor.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O tempo do Advento é um convite para estarmos vigilantes, preparados para acolher todas as oportunidades de salvação que Deus nos oferece continuamente. Sua vinda ao nosso encontro nos desafia a compartilhar algo com os irmãos e irmãs empobrecidos, renunciando à avareza e ao egoísmo.

As leituras nos apresentam algumas atitudes que impedem o ser humano de acolher o Senhor que vem. Fazem pensar naqueles que orientam toda a sua vida para a busca de satisfação pessoal e prazeres efêmeros, que vivem obcecados pelo trabalho desenfreado e fundamentam sua felicidade nos bens materiais. Ou, então, naqueles que desistem de lutar por uma vida mais digna, que vivem sem perspectiva de um futuro melhor. As leituras falam do adormecer, do acomodar-se, sem prestar atenção nas realidades mais essenciais. São uma advertência para

toda gente que ignora os sofrimentos dos irmãos e irmãs, sob a justificativa de que as mazelas sociais são um problema das políticas públicas e que não somos responsáveis pelo sofrimento alheio.

Neste tempo de preparação para a celebração do nascimento do Senhor, a Igreja nos convida a recentrar nossa vida, focando no essencial, naquilo que é mais importante, reordenando nossas escolhas e prestando atenção nas oportunidades que o Senhor, no dia a dia, nos oferece como a melhor forma de nos preparar para sua vinda.

2º DOMINGO DO ADVENTO (IP)

7 de dezembro

O Reino de Deus está perto!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo apresenta a figura de João Batista, como o precursor de Jesus; sua pregação prepara o caminho para a chegada do Messias. Todas as leituras nos convidam a nos despojarmos dos valores egoístas e fugazes que às vezes orientam nossa vida, levando-nos ao distanciamento dos caminhos de Deus.

Na primeira leitura, o profeta Isaías fala do amor paternal do Senhor Deus e da resposta ingrata de Israel. Diante da indiferença do povo escolhido, o Senhor o corrige e educa com amor e misericórdia. Por isso, enviará um descendente de Davi, sobre quem repousará o Espírito do Senhor, e a missão desse personagem será reconstruir um Reino de paz e justiça que não terá fim.

A segunda leitura dá continuidade à carta de Paulo endereçada aos romanos, recordando-lhes que cada cristão deve se esforçar para ser um rosto de Cristo visível no mundo. Quem segue a Jesus deve dar testemunho de união, de solidariedade e de caridade para com os necessitados, vivendo

uma vida de harmonia com os outros, acolhendo e ajudando os irmãos e irmãs mais vulneráveis, conforme o ensinamento de Jesus.

O Evangelho nos apresenta a pregação de João sobre a vinda do Senhor, tema-chave do Advento. Assim como a mensagem de João preparou o caminho para Jesus no seu tempo, somos chamados a nos prepararmos. Respondemos à mensagem de João com nosso arrependimento e com a reforma de nossa vida. Também somos chamados a ser profetas de Cristo, que anunciam pela própria vida, como fez João, a vinda do Senhor.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 11,1-10)

A primeira leitura retrata o período do rei Ezequias (714 a.C.), que, preocupado com o fortalecimento do Império Assírio, fez aliança com o Egito. Tal decisão política depositava toda a esperança de segurança no exército estrangeiro, à custa de submissão e pesados tributos, além de pôr em risco a segurança futura de seu próprio povo. O profeta Isaías era totalmente contra essa decisão política, pois tal iniciativa foi considerada uma afronta pelo poder assírio, que invadiu Judá, cercou Jerusalém e obrigou o rei Ezequias a se entregar à Assíria. Portanto, a realidade é desoladora e o povo está desiludido.

É nesse contexto que o profeta dirige a mensagem da primeira leitura, um oráculo em forma de poesia. Primeiramente, Isaías apresenta a chegada de uma pessoa que vem como mensageiro da paz. Essa personagem tem suas raízes em Jessé, da casa de Davi, pois Deus é fiel às suas promessas feitas à dinastia davídica. Tal enviado tem como missão reconstruir Israel e trazer a paz, porque nele repousa o Espírito do Senhor. O mesmo Espírito que esteve presente na criação, na ordem do universo, que animou todos os

que estiveram à frente do povo escolhido e inspirou os profetas conduzirá também o novo enviado de Deus. O Espírito de Deus confere ao enviado todas as virtudes de seus antepassados que lideraram Israel: espírito de sabedoria e inteligência, como Moisés e Aarão, conselho e fortaleza, como Samuel, espírito de conhecimento e temor de Deus, como os patriarcas e as matriarcas, profetas, juízes e juízas.

A segunda parte do poema apresenta as características do Messias que virá. A aliança com Deus foi quebrada, mas o enviado vai trazer a paz de uma forma harmoniosa e surpreendente que envolverá toda a natureza, não apenas a criatura humana. Os animais domésticos irão conviver com os selvagens em completa harmonia e, como no paraíso, todos eles serão submetidos ao ser humano, representado pela criança, isto é, pelo ser humano na sua fragilidade e pequenez. Até mesmo a serpente, que provocou a desarmonia inicial no paraíso, se submeterá ao ser humano comprometido a reconstruir a harmonia. Todos os seres da natureza se empenharão para a superação total do desequilíbrio, das rivalidades, das divisões e de todo pecado. E, nessa parceria solidária, toda natureza se insere na dinâmica da construção de um mundo de paz.

2. II leitura (Rm 15,4-9)

Esta leitura proposta pela liturgia pertence à segunda parte da carta aos Romanos. Paulo apresenta o exemplo de Cristo, com o qual somos chamados a nos identificar. Na visão do apóstolo, a comunidade dos fiéis é formada de pessoas fortes, mas também de fracos. Por isso, os fortes são chamados a carregar as fragilidades dos fracos. Para edificar a comunidade, muitas vezes temos de nos dispor a carregar os fardos uns dos outros; exercitar a paciência para com a atitude imatura dos membros vulneráveis. A leitura nos apresenta a metáfora da edificação em sentido

PAPA FRANCISCO NA AMÉRICA LATINA

Dom Jeová Elias Ferreira



CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

A obra apresenta a missão evangelizadora voltada à vida plena, inspirada nas mensagens do papa Francisco. Analisa temas como fé, política, economia e cultura à luz da realidade latino-americana.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

coletivo. O motivo para esse comportamento é que nosso Senhor Jesus Cristo carregou nos ombros o peso de nossos pecados. Ele é o único modelo que nos cabe imitar na vida.

Em sua mensagem, Paulo também exorta os cristãos a não fazer discriminações, mas acolher a todos a exemplo de Jesus, que incluiu no seu discipulado tantas categorias de pessoas desprezadas pela sociedade de seu tempo e consideradas desprezíveis. O comportamento sugerido pelo apóstolo sempre se fundamenta na pessoa de Jesus Cristo e nas Escrituras. Ele recorda que mesmo o Antigo Testamento já aponta para essa realidade, que Jesus levou à plenitude. Por fim, pede que o Deus da esperança cumule os fiéis de alegria, paz e fé.

3. Evangelho (Mt 3,1-12)

O evangelista Mateus, depois de apresentar os relatos da infância de Jesus, descreve a obra da pregação de João Batista. Este aparece, na tradição dos grandes profetas de Israel, pregando o arrependimento e a mudança de vida. De fato, a descrição de João encontrada nesta leitura lembra a descrição do profeta Elias em 2Rs 1,8. No texto da liturgia deste domingo, João dirige aos fariseus e saduceus – partidos dentro da comunidade judaica de seu tempo – um apelo particularmente contundente ao arrependimento.

O profeta faz forte apelo à conversão a todos os que o procuram, oferecendo-lhes o batismo de arrependimento. Provavelmente, aqueles que o procuravam faziam parte de um grande movimento de grupos que, na época, praticavam lavagens rituais para fins semelhantes. Ademais, o batismo de João pode estar relacionado com as práticas dos essênios, uma seita judaica do século I. Esse batismo pode ser entendido como uma antecipação do batismo cristão. Nessa passagem, o próprio João alude à diferença entre seu batismo e o que ainda está por vir: “Eu os batizo com água, para arrependimento.

[...] Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo”.

João deixa bem claro que sua relação com o Messias ainda por vir (Jesus) é de serviço e subserviência: “[...] aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu. Não sou digno de levar suas sandálias” (v. 11). No contexto do Evangelho de Mateus, a passagem deste domingo é seguida pelo batismo de Jesus por João, evento que é atestado em todos os quatro Evangelhos e parece ter marcado o início do ministério público de Jesus.

A figura de João Batista, por si só, questiona-nos e interpela-nos. Ele atua no deserto, lugar de escassez, de despojamento, de provações, mas também de proximidade com Deus. Nas Escrituras, é o lugar do encontro com Deus; de escutá-lo, de deixar-se conduzir por ele. João se veste de forma simples, contrastando com a suntuosidade das vestes dos sacerdotes do templo de Jerusalém. Seu modo de vida ressalta que ele não usufruiu de nada da comunidade. Não é um homem só de palavras, mas também de atitudes bem concretas, que todos podem ver. Isso lhe dá autoridade para o chamado à conversão, porque ele é coerente com a mensagem que prega à multidão dos fiéis.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Para nós, cristãos, Jesus é o Messias que nos aponta o caminho da salvação. Ele iniciou uma nova comunidade de discípulos que se dispuseram a acolher sua proposta de fraternidade universal, fundamentada na prática da justiça, da harmonia e da paz. Jesus foi conduzido pelo Espírito Santo em tudo que fez e ensinou. Durante todo seu ministério público, convidou pessoas para viverem o amor, a solidariedade, a partilha, o compromisso com o bem comum, segundo a proposta divina. Nós, seus discípulos e discípulas de hoje, como estamos contribuindo para a continuidade de seu projeto?

Nossas comunidades devem ser, para o mundo, o rosto visível de um Deus amoroso, misericordioso, que propõe um estilo de vida pautado no acolhimento, no respeito a todas as pessoas e a todos os seres da natureza, mas, muitas vezes, presenciamos grandes divisões internas entre nós, faltando com o testemunho de unidade e harmonia; muitas vezes nos fechamos em círculos restritos a quem partilha nossas convicções, colaborando apenas com aqueles que concordam com nossa visão de mundo, estilo de vida, trabalho pastoral etc. O que podemos fazer para mudar essa realidade?

A pregação de João Batista, narrada por Mateus, é forte apelo à mudança radical de vida por causa do Reino dos Céus. Essa mudança de mentalidade e de modo de agir é um retorno à proposta de fidelidade à Aliança que perpassa toda a Sagrada Escritura. Muitos ouvintes daquele tempo se converteram mediante o anúncio profético. Nós somos seus destinatários de hoje, pois fomos batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Como filhos e filhas de Deus, esforçamo-nos para viver a comunhão com ele e com os irmãos e irmãs? Vivemos a partilha com as pessoas que caminham ao nosso lado?

3º DOMINGO DO ADVENTO (IP)

14 de dezembro

Alegrai-vos!

I. INTRODUÇÃO GERAL

O 3º domingo do Advento é tradicionalmente chamado de domingo da alegria, porque as leituras fazem um convite a permanecermos alegres em vista da chegada próxima do Senhor, que vem para nos libertar.

A primeira leitura nos fala da promessa de salvação, a qual o profeta Isaías descreve como uma floração no deserto. A chegada de Deus é marcada por esse cenário de

alegria. O Senhor vem para dar nova vida a seu povo, para libertá-lo do jugo a que estava submetido e conduzi-lo para a festa da liberdade, como fez outrora, quando Israel foi escravo no Egito.

A segunda leitura é retirada da carta de Tiago, dirigida aos cristãos que estavam vivendo na pobreza, em um contexto de muita exploração econômica por conta de toda uma política de colonização. O irmão Tiago convida os cristãos a não se deixarem levar pelo desespero, mas esperar com paciência e confiança no Senhor.

No Evangelho, João envia uma mensagem a Jesus da prisão, perguntando se ele é o Messias por quem estava esperando. Jesus responde, apontando para os milagres que realizou e convidando João e os outros ouvintes a chegar à sua própria conclusão. Mais adiante, Jesus elogia João por seu papel na preparação do caminho para o início de seu ministério. Por fim, diz que todos aqueles que trabalham para o Reino de Deus serão tão grandes quanto João e ainda maiores.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 35,1-6a.10)

A primeira leitura deste domingo pertence ao gênero profético-apocalíptico. O profeta Isaías recorre a essa linguagem simbólica, descrevendo os últimos combates do Senhor Deus, particularmente com Edom, e a vitória definitiva do povo de Deus. O texto pode ser chamado de hino da alegria, destinado a reavivar a esperança e o ânimo daqueles que experimentaram o exílio. O motivo dessa grande alegria é que Deus fará justiça àqueles que foram conduzidos ao cativeiro.

O profeta aponta para os sinais da própria natureza; eles indicam que algo muito bom está para acontecer. Assim como, com a chegada de nova estação, a natureza se

enfeita com a florada, assim deve ser com Israel, que se prepara para a ação libertadora de Deus. Na chegada da primavera, o deserto e o descampado são chamados a se revestir de flores e de vida abundante. As flores das mais variadas cores e espécies manifestam a intervenção favorável do Senhor. Esse cenário alegre é símbolo do que acontecerá com o povo. Deus vem para mudar a sorte de seu povo sofrido. Toda essa descrição da magnificência das plantas é a imagem da beleza, da glória de Deus, que em breve se manifestará, pois somente ele é capaz de fazer brotar vida onde há desolação e morte.

O profeta dirige palavras de ânimo e encorajamento à comunidade dos fiéis. O povo não deve baixar a cabeça diante da situação desoladora, mas se unir, seguindo o exemplo da natureza. O resultado da ação transformadora do Senhor será que os cegos irão recuperar a vista, os surdos ouvirão e o coxo não apenas andará, mas correrá, saltará como um cervo; o mudo não só falará, mas irá cantar de júbilo. Esses são alguns dos sinais de que Deus transformará totalmente a sorte de seu povo, pois ele oferece vida em abundância para todos.

2. II leitura (Tg 5,7-10)

Na segunda leitura, Tiago exorta seus leitores-discípulos à espera paciente pela vinda do Senhor. As palavras iniciais: “sede, pois, pacientes” resumem toda a mensagem desse texto. Elas se aplicam não apenas a situações de injustiças e ultrajes, mas também a todas as provações do cotidiano. As menções às chuvas temporã e tardia são expressões veterotestamentárias que descrevem características típicas do clima da Palestina, às quais o agricultor estava habituado. Em sua mensagem, Tiago utiliza desse conhecimento da vida na Palestina para falar da espera paciente que os discípulos de sua comunidade devem ter diante dos sofrimentos

pelos quais estão passando e também da espera pelo agir do Senhor, que muda os acontecimentos.

O convite a fortalecer os corações refere-se à esperança na parúsia; isso é motivo de esperança em meio às tribulações presentes, pois o cristão se alimenta da fé em que o Cristo ressuscitado está presente na comunidade dos fiéis. Por isso, a exortação passa também pelas relações mútuas, tomando o exemplo daqueles que são bem-aventurados porque perseveraram pacientemente. Isso implica que aqueles que temem a Deus conhecem, nas Escrituras, outros exemplos de pessoas que enfrentaram o sofrimento, como Jó e outras figuras do Antigo Testamento. Os sofrimentos não são a realidade final de nossa vida, pois Deus tem seu tempo, sua hora de revelar sua misericórdia. A perseverança cristã se baseia na convicção da misericórdia divina e na esperança da vinda do Senhor.

3. Evangelho (Mt 11,2-11)

A leitura do Evangelho deste domingo está em continuidade com o texto do domingo anterior, que nos apresenta a missão profética de João Batista. Na passagem de hoje, João deixa bem clara sua relação com o Messias (Jesus) ainda por vir, bem como seu papel de precursor para preparar os caminhos de sua chegada: “[...] aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu. Não sou digno de levar suas sandálias” (Mt 3,11). No contexto do Evangelho de Mateus, a passagem deste dia é seguida pelo batismo de Jesus por João, evento que é atestado em todos os quatro Evangelhos e parece ter marcado o início do ministério público de Jesus.

A narrativa informa que João Batista se encontra na prisão, por ordem de Herodes Antipas, e envia seus discípulos a Jesus com uma pergunta, reveladora de sua dúvida: Jesus é mesmo o Messias que o povo espera,

ou ainda deve vir outro? Jesus responde aos emissários de João, apontando para as ações concretas que ele está realizando no meio do povo: os pecadores que se convertem são acolhidos no grupo de seus discípulos, os doentes recuperam a saúde, os marginalizados se tornam protagonistas do Reino, os então chamados leprosos são purificados e os surdos ouvem (agora a Palavra de Deus pode ser ouvida por todos).

A mensagem de Jesus a João sobre os sinais do Reino sendo realizados lembra a salvação descrita pelo profeta Isaías. Essa passagem é um lembrete de que o início da salvação já está misteriosamente presente, mas também ainda está para se cumprir. A salvação já está em nosso meio, manifestada nos atos milagrosos de Jesus e na Igreja. Contudo, ela também deve ser cumprida no vindouro Reino de Deus. Mesmo quando observamos nosso mundo atual, podemos encontrar vislumbres da obra de Deus entre nós. Ademais, ajudamos a preparar o caminho para o Reino de Deus por meio de nossas palavras e ações. Essa mensagem é realmente motivo de regozijo.

A leitura está dividida em duas partes: na primeira, o evangelista Mateus destaca a figura de João Batista, cuja missão é apontar o Messias enviado; na segunda, o próprio Jesus faz uma apreciação da missão profética de João. A resposta de Jesus aos discípulos de João é uma declaração de que ele, de fato, é o Messias que cumpre todas as promessas anunciadas a seu respeito pelo profeta Isaías. O evangelista indica que é preciso distinguir qual é a missão do Messias e qual é a missão de quem prepara o caminho (João Batista) para sua chegada. Em outras palavras, o discípulo nunca será igual ao Mestre; seu papel é apontar para Ele.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O Advento se caracteriza pela espera da intervenção salvífica de Deus em favor de

NÃO DEIXEIS QUE VOS ROUBEM A ESPERANÇA

Papa Francisco



CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Não enterre seus talentos:
coloque-os a serviço dos outros com
coragem e generosidade. A obra
apresenta a vida como um dom para
ser doado, não guardado só para si.
Jovens, sonhem alto e abracem
ideais que transformam o mundo!



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

seu povo. No entanto, só percebe sua chegada quem está atento e disposto a acolhê-lo. Ele só pode intervir na vida daqueles que o recebem. É tempo de nos interrogarmos até que ponto estamos preparados e dispostos para acolher sua chegada transformadora em nossa vida. Sua proposta de libertação encontra espaço em nosso coração?

Todo batizado é chamado a testemunhar o projeto do amor misericordioso de Deus. Sua salvação chega mediante um testemunho verdadeiro, quando lutamos objetivamente para tornar realidade a superação de todas as formas de discriminação, divisão, injustiça, violência e intolerância, de modo que a luz da esperança divina não se apague no coração das pessoas. Estamos dispostos a assumir esse nível de comprometimento de fé?

As leituras deste domingo nos interpelam sobre a figura de João. Ele não foi um pregador midiático que buscava visibilidade. Suas dúvidas acerca do Messias eram uma interrogação presente no coração de muitas pessoas de seu tempo. Ele se dirige a Jesus com honestidade sincera. Sua atitude nos ensina que não devemos ter medo de nossas dúvidas, pois não caminhamos com certezas absolutas, mas nos cabe sempre procurar honestamente pela verdade que nos vem de Jesus Cristo.

4º DOMINGO DO ADVENTO (IP)

21 de dezembro

Deus vem ao nosso encontro!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Finalmente, neste 4º domingo do Advento, as leituras proclamadas nos permitem iniciar a contemplação do mistério da encarnação que celebramos no Natal: Jesus é o Deus-conosco que veio ao encontro da humanidade para oferecer uma proposta de salvação e vida nova.

A primeira leitura traz o relato do encontro do profeta Isaías com o rei Acáz, propondo-lhe que peça um sinal ao Senhor Deus. O rei recusa dirigir-se a Deus pedindo um sinal de sua intervenção, mas o profeta insiste que, apesar da obstinação de Acáz, Deus lhe dará um grande sinal: enviará o Emanuel, que será concebido por uma virgem.

A segunda leitura, retirada da carta de Paulo aos Romanos, sugere que nosso encontro com Jesus deve resultar em um testemunho de busca de santidade. Quem recebe a Boa-nova da salvação não a pode guardar somente para si, mas deve estar disposto a partilhá-la com aqueles que caminham ao seu lado.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 7,10-14)

O rei Acáz governou o Reino de Judá por volta do ano 734 a.C., em um período de estabilidade política e desenvolvimento econômico. A prosperidade trouxe às tribos de Judá certa tranquilidade. No entanto, no cenário da Mesopotâmia, estava despontando grande ameaça, vinda da Assíria. O profeta Isaías, atento à realidade de seu tempo, prevê que essa tranquilidade será temporária. Israel tem de tomar cuidado com seu futuro. Enquanto o rei Acáz deposita toda a sua segurança na prosperidade, o profeta deposita toda a sua confiança no Deus da Aliança. É nesse contexto que o profeta se dirige ao rei, para alertá-lo e lhe recomendar que peça um sinal a Deus, em vista de decidir o que é melhor para seu povo. Acáz recusa-se a pedir a ajuda de Deus. Isaías, porém, insiste em buscar no Senhor as razões para seu discernimento.

O sinal de que Deus atua na história será este: uma virgem conceberá e dará à luz um filho; seu nome será Emanuel, que significa Deus-conosco. Ele será a garantia da continuidade da descendência de Davi,

porque Deus manterá sua promessa de enviar alguém que cuide do povo. A mensagem central do texto é a afirmação de que Deus não abandona sua Aliança. Isaías chama a atenção para as falsas seguranças do rei Acáz, que podem levar o povo à ruína. Ele confia excessivamente na força militar, e tal postura resultará em fracasso, culminando em uma guerra que devastará Judá.

2. II leitura (Rm 1,1-7)

A carta de Paulo aos Romanos foi escrita por volta do ano 57 ou 58 d.C., provavelmente quando o apóstolo se encontrava em Corinto e se preparava para deixar sua missão no Mediterrâneo Oriental e partir para nova missão no Ocidente. O texto proposto na segunda leitura é a introdução da carta. Essa comunidade não foi fundada por Paulo, por isso ele tem muito cuidado ao se dirigir aos irmãos e irmãs que estão em Roma.

O apóstolo tem a intenção de partir em direção à Espanha e a Roma, porém antes deve visitar a comunidade-mãe, Jerusalém, a fim de entregar a coleta das comunidades da Ásia Menor. Um dos objetivos da carta era se apresentar aos cristãos de Roma, ter um primeiro contato e anunciar sua futura visita. Paulo define a si mesmo como servo de Jesus Cristo, apóstolo por chamado divino e eleito para anunciar o Evangelho às nações.

Entender-se como servo de Jesus Cristo, para ele, significava pôr incondicionalmente toda sua vida a serviço da Igreja. Ser servo, para Paulo, não implica ser escravo, e sim uma escolha livre de quem está convencido de que deve se dedicar inteiramente à causa do Evangelho. Ao apresentar-se como apóstolo por meio de um chamado divino, ele quer dizer que seu testemunho é verdadeiro, pois pregar o Evangelho não é algo que partiu de sua iniciativa. Foi Deus quem o chamou e o designou para a missão evangelizadora, e seu passado confirma sua

vocação missionária. O ministério apostólico indica a exclusividade do serviço à proclamação da Palavra. Na Igreja primitiva, já havia a distinção entre apóstolos, diáconos ou diaconisas e presbíteros.

O ministério de Paulo no Ocidente exige uma dedicação total à causa do Evangelho. Ele suplica aos cristãos romanos que orem pela sua ida a Jerusalém, pois ainda nem todos os irmãos judeus da comunidade-mãe o conheciam. A coleta em favor da comunidade-mãe destinava-se aos pobres. Era um gesto de solidariedade dos gentios convertidos, como sinal de profunda gratidão por terem recebido a fé cristã mediante o testemunho da comunidade-mãe.

3. Evangelho (Mt 1,18-24)

A narrativa do nascimento de Jesus, no relato de Mateus, compõe a seção dos textos sobre a infância de Jesus. O texto é verdadeira catequese sobre a origem de Jesus. O evangelista ensina que a concepção virginal de Jesus foi obra divina. José nos é apresentado como um homem justo, o que, na concepção veterotestamentária, significa obediente à Lei mosaica. Como fiel observante das Escrituras, José tem compaixão por Maria, no sentido de que não permite a execução do apedrejamento, pena prescrita à mulher que concebesse antes da consumação do matrimônio. José, como os sábios do Antigo Testamento, soube interpretar corretamente seus sonhos. Tal sabedoria era um dom concedido por Deus aos que eram fiéis aos ensinamentos da Torá e justos em suas relações com os demais.

O anjo do Senhor explica a José que Maria não é adúltera, algo que os leitores de Mateus sabiam muito bem, porque conheciam as leis da tradição contida nas Escrituras. O anúncio do anjo a José segue o estilo dos relatos veterotestamentários, quando se anunciava o nascimento de uma personagem muito importante

para o povo escolhido. Esse anúncio é cercado de sinais divinos que provocam perplexidade e medo. O mensageiro de Deus comunica o nome da criança que irá nascer. A etimologia do nome indica sua missão de salvador. O Emanuel, Deus-conosco, recorda toda a história de Israel, de um Deus que sempre está no meio de seu povo. Portanto, o nascimento dessa criança faz parte do projeto divino para a humanidade.

As figuras de José e Maria desempenham um papel muito importante como colaboradores do plano salvífico de Deus. Os dois enfrentam desafios e impasses diferentes na obra da salvação. José recebe dupla missão: acolher Maria e dar o nome à criança, o que significa tomá-la por filho. Maria, implicitamente, é aquela na qual se cumpre a profecia de que uma virgem conceberia. A encarnação de Jesus se torna possível mediante a obediência de Maria e José aos planos de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras nos recordam que, na história da salvação, há pessoas como o rei Acaz, que depositam sua confiança em falsas seguranças. Muitos depositam sua esperança nos poderosos deste mundo. O profeta Isaías pertence à categoria de pessoas que depositam sua esperança somente em Deus. Os poderes deste mundo são falíveis, ao passo que Deus é o único que permanece fiel do início ao fim da história. Neste tempo em que nos preparamos para celebrar a vinda do Senhor, somos convidados a tomar consciência da fidelidade amorosa de Deus, questionando-nos onde depositamos nossa confiança e esperança.

Nós, cristãos, que acreditamos no Emanuel, Deus-conosco, somos chamados a testemunhar, no mundo, sua proposta de vida e liberdade. O exemplo de Paulo apóstolo nos serve de inspiração, para que também

nós venhamos a pôr nossa vida totalmente a serviço do Reino que Jesus veio construir. A vida de cada um de nós é uma missão, como nos falou recentemente o papa Francisco. A missão que Deus me confia é única, exclusiva e necessária para o bem das pessoas que convivem comigo.

Segundo a catequese primitiva da comunidade de Mateus, Jesus é o Deus que vem ao encontro da criatura humana na fragilidade de uma criança, acolhida por José e Maria. Ele foi enviado por Deus como o grande dom para a vida e a salvação da humanidade. A celebração do Natal que se aproxima é o momento de cada pessoa experimentar esse encontro pessoal com o menino Jesus. Esse encontro, porém, só é possível se estivermos com o coração aberto para acolhê-lo.

As figuras de José e Maria nos interpelam. Eles foram pessoas capazes de escutar e discernir os apelos de Deus na própria vida. Mudaram seus planos e projetos para poderem acolher a missão que Deus lhes confiou. Até que ponto somos capazes de mudar nossos esquemas mentais e desorganizar nossos projetos, quando precisamos estar disponíveis para o que Deus nos pede?

NATAL – MISSA DA NOITE (IP)

24 de dezembro

A Luz resplandeceu em plena escuridão!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Nesta noite de festa, meditaremos sobre os detalhes do nascimento de Cristo, conforme a narrativa do Evangelho segundo Lucas. Aqui aprendemos sobre o censo que traz Maria e José de Nazaré a Belém, onde Jesus nasceu. Também ouvimos sobre o anúncio dessa Boa Notícia aos pastores por parte do anjo. Nesses detalhes, encontramos duas das preocupações particulares de Lucas: localizar a vinda de Cristo no quadro mais amplo da

história da salvação, como a grande Boanovoa a todas as pessoas; gentios e judeus são agraciados pela vinda do Senhor a este mundo, na pobreza e humildade do menino Jesus na manjedoura.

Na primeira leitura, o profeta Isaías nos fala da chegada de um menino da descendência de Davi como dom de Deus para seu povo escolhido. Ele será o Príncipe da paz, enviado ao mundo para eliminar todo ódio, as guerras e toda sorte de sofrimentos; vem em missão de paz para inaugurar novo tempo de consolidação da justiça e da alegria.

A segunda leitura nos recorda as razões de nossa fé cristã. Pelo batismo, somos chamados a nos comprometermos verdadeiramente com Deus, sabendo que nossa morada neste mundo não é definitiva.

No Evangelho segundo Lucas, Jesus nasce como um dos pobres. Deitado em uma manjedoura em um estábulo – porque não havia lugar nas pousadas de Belém para acolher Maria e José –, ele vem ao mundo por meios obscuros e surpreendentes. No entanto, enquanto o anjo proclama essa Boa Notícia aos pastores, a criança é anunciada como o Messias e Senhor que vem trazer paz a toda a terra. No canto dos anjos, todos são convidados a dar glória a Deus por esse nascimento milagroso, no qual Deus vem compartilhar nossa humanidade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 9,1-6)

A primeira parte do livro do profeta Isaías foi escrita por volta do século VIII a.C., durante o reinado de Ezequias. Uma das grandes preocupações do profeta era a infidelidade a Deus, visível nas atitudes de idolatria e injustiça praticadas pelo rei, as quais eram contrárias aos ensinamentos da Torá e desviavam muitas pessoas do caminho indicado por Deus. O texto da liturgia desta noite pertence à seção dos oráculos

VIVER O AMOR PENSAMENTOS DO PAPA FRANCISCO

Pe. Francisco Galvão



O livro traz frases do papa Francisco sobre o amor, reforçando sua insistência na urgência de cultivar esse valor fundamental na vida de todo ser humano e nas relações interpessoais.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

messiânicos do profeta. Eles anunciam que, num futuro próximo, Deus irá oferecer ao seu povo um mundo de justiça e paz.

Isaías descreve a situação que seu povo estava vivendo, marcada por opressão, desânimo, frustração e falta de perspectivas, como se ele estivesse mergulhado num caminho de trevas. A realidade era como habitar nas sombras da morte. A comunidade dos fiéis estava mergulhada numa atmosfera sombria, sem direção, pois as lideranças estavam roubando a paz e a segurança do povo.

No entanto, em meio a essa realidade caótica, surge uma grande luz. Essa luz faz o povo explodir de alegria, cujos motivos o profeta vai descrevendo. O primeiro deles é a chegada de uma colheita com muita fartura. A resposta vem da natureza, pois a terra produz muitos frutos. O tempo da escassez passou, e agora o povo tem alimento abundante. O povo, porém, ainda tem outros motivos para se alegrar. O jugo da guerra e da opressão que pesava sobre ele foi quebrado. As roupas manchadas com o sangue da guerra foram destruídas. Nasceu o menino que foi dado ao povo como filho para conduzi-lo para a luz.

Aqueles que Deus envia para conduzir seu povo jamais cometerão algum mal. Aqueles que assumem posição de liderança porque amam o povo apontam saídas que dão esperança e vida aos desesperançados. O menino foi enviado para restaurar a paz porque governa o povo com o direito e a justiça. Agora, os direitos dos pobres e oprimidos são respeitados, por isso esse menino é chamado de Príncipe da paz. Ele é dom de Deus ao seu povo, e Deus permanecerá com ele para que essa paz não tenha fim.

2. II leitura (Tt 2,11-14)

O destinatário desta epístola é Tito. Ele se tornou cristão a partir de seu contato com Paulo. Acompanhou Paulo em diversas

missões; participou do Concílio de Jerusalém com ele, esteve em Éfeso, Corinto. Foi de grande ajuda para resolver alguns conflitos nessas comunidades a pedido do apóstolo.

Embora esta carta seja atribuída a Paulo, há dúvidas de que ele seja o autor, pois os problemas nela retratados parecem ter surgido bem depois da atividade missionária do apóstolo. A grande preocupação já não era a segunda vinda de Jesus Cristo, que seria iminente, mas sim estabelecer a conduta dos cristãos dentro da sociedade de seu tempo. Isso porque os cristãos estavam perdendo o entusiasmo, tinham se acomodado, e as comunidades estavam perdendo a vivacidade e o fervor.

Por isso, o autor da carta procura reencantar os cristãos, buscando razões válidas para que vivam sua fé de forma autêntica e comprometida. Ele os exorta a viver o tempo presente com temperança, justiça e piedade. A manifestação gloriosa de Cristo fundamenta a esperança. Só tem sentido esperar pela segunda vinda do Senhor se vivemos a caridade, não se apegando aos tesouros deste mundo, sabendo que a terra não é a pátria definitiva. O discípulo deve ter seu olhar fixo em Jesus, que se entregou por nós até a morte para nos libertar do pecado e do egoísmo. Ele é a medida de nosso amor e compromisso.

3. Evangelho (Lc 2,1-14)

No relato lucano do nascimento de Jesus, o menino nasce como um dos pobres. Deitado em uma manjedoura em um estábulo, porque não havia lugar na pousada, vem ao mundo por meios obscuros e surpreendentes. No entanto, enquanto o anjo proclama a Boa Notícia aos pastores, essa criança é anunciada como o Messias e Senhor. No canto dos anjos, todos são convidados a dar glória a Deus por esse nascimento milagroso, no qual Deus vem compartilhar nossa humanidade.

Lucas faz uso das tradições segundo as quais Maria e José vieram de Nazaré e Jesus nasceu em Belém da Judeia quando as figuras de Herodes, o Grande, César Augusto e Quirino eram autoridades políticas conhecidas. Todavia, o nascimento de Jesus vai ofuscar todas essas autoridades, porque Ele é o motivo da grande alegria. O evangelista o apresenta como o Messias davídico que traz o dom escatológico da paz. Em sua pequenez, em contraposição com os poderosos deste mundo, o recém-nascido é o Salvador e o portador da paz para todos.

Em sua revelação aos pastores, os anjos cantam que a vinda de Jesus traz paz. No entanto, há pouca coisa, nos detalhes do Evangelho, que dão evidência de paz. Jesus nasce como peregrino longe de casa, em um estábulo, numa cidade lotada e sob a ocupação de estrangeiros. A aparição do anjo aos pastores os assusta. Portanto, quando os anjos proclamam o nascimento de Jesus como o prenúncio da “paz na terra”, Lucas tem a intenção de desenvolver aos poucos os fatos que evidenciam ser Jesus o Príncipe da paz. É no decorrer de todo o terceiro Evangelho que essa Boa-nova é esclarecida. Os pastores são convidados a reivindicar uma fé que os capacitará para ver esta criança como um sinal da promessa de Deus de um Messias. É por meio dessa fé que se encontra a paz que os anjos cantam.

Os pastores são as primeiras testemunhas desse grande acontecimento. Eram considerados pessoas rudes, simples e pobres. É precisamente essa categoria de marginalizados que se alegra com a chegada de Jesus. A Boa Notícia é, em primeiro lugar, para eles. O título de salvador era atribuído apenas ao imperador romano. Lucas inverte toda a hierarquia da sociedade da época, aplicando a Jesus todos os títulos reservados às autoridades políticas. Ele é aquele que vem restaurar a paz, o Salvador,

o Príncipe da paz; todas as autoridades políticas e religiosas fracassaram em sua missão de proporcionar a paz verdadeira, por isso o evangelista afirma que somente Jesus é o Senhor.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O menino Jesus, que nasce pobre em Belém, é que dá sentido às profecias anunciadas por Isaías. Ele é aquele que vem arrancar o povo da escuridão e das sombras da morte. O nascimento de Jesus, que celebramos nesta noite, significa que Ele é, para nós, a esperança da nova ordem que as profecias apontam. E acolhê-lo implica entrar na dinâmica de seu projeto de paz. Sua chegada nos interpela: é realmente nele que depositamos toda a nossa confiança e esperança?

O presépio nos ajuda a contemplar que a lógica de Deus é muito diferente da lógica do mundo em que vivemos. Deus se manifesta na pequenez de uma criança, que nasce cercada de pessoas simples e de seres da natureza, e não em um ambiente de riqueza e esplendor. É na manjedoura, na fragilidade, na simplicidade que a luz do mundo brilha. Sua chegada é Boa Notícia, é ternura que enche de felicidade aqueles que estão à margem.

Nossa cultura globalizada institucionalizou e sacralizou muitos valores efêmeros, como dinheiro, *status*, bens de consumo, sucesso, poder e visibilidade midiática, e montou um sistema publicitário que nos induz à busca da felicidade falsa ou aparente. No entanto, esses valores frequentemente levam as pessoas a uma vida vazia e sem sentido. A celebração do Natal nos confronta, fazendo-nos pensar nos valores que norteiam nossa vida. É Jesus Cristo nossa referência? É ele que conduz nossa vida, ou preferimos seguir as propostas das autoridades deste mundo, que não passam de ídolos?

A Palavra armou sua tenda entre nós!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A solenidade da natividade de nosso Senhor nos convida a contemplar o amor de Deus pela humanidade. Sua encarnação expressa a profunda comunhão de Deus com a criatura humana. Ele em pessoa entra em diálogo conosco. O evangelista João o descreve como a Palavra que veio habitar no meio de nós, a fim de oferecer sua vida em plenitude, elevando-nos à dignidade de filhos e filhas de Deus.

A primeira leitura pertence ao chamado livro da consolação do profeta Isaías. O texto nos apresenta a chegada do Deus libertador, que vem trazer a paz e a salvação a toda a terra. Sua vinda muda a sorte do povo. O profeta anuncia a transformação da realidade de tristeza para um tempo de júbilo, porque o mensageiro da paz, enviado por Deus, vai inaugurar nova etapa na história de Israel, fazendo que novamente reine a paz.

A segunda leitura, retirada da carta aos Hebreus, recorda aos cristãos que, na história da salvação, Deus nos falou de muitos modos: por meio dos patriarcas, matriarcas e grandes líderes, como Moisés, juízes, profetas e sábios do povo. Por fim, ele mesmo entrou em diálogo com a humanidade, por meio de seu Filho. O autor da carta nos apresenta o plano salvífico de Deus, que chega ao seu ponto mais alto com a vinda de Jesus ao mundo. Jesus é a Palavra viva que nos cumpre acolher e escutar.

O prólogo do Evangelho segundo João nos diz que a Palavra de Deus é uma pessoa: Jesus, o Filho de Deus enviado ao mundo. Essa Palavra, que estava presente na ação criadora de Deus, veio completar a obra da criação, redimindo a humanidade. Ele é a

luz do mundo que veio para eliminar toda sorte de pecado, isto é, tudo aquilo que se opõe à vida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 52,7-10)

O texto da primeira leitura pertence à segunda parte do livro do profeta Isaías, chamado de Dêutero-Isaías. Esses capítulos retratam a situação do cativo na Babilônia. Parte de Israel foi deportada quando a Babilônia ocupou Jerusalém (no período de 586-539 a.C.). A perda da terra, dom de Deus para seu povo escolhido, trouxe um sentimento de derrota, frustração, desânimo, dispersão e abandono por parte de Deus por causa dos pecados cometidos outrora.

Esta leitura retrata a fase final do exílio na Babilônia. É em tal contexto que o profeta vem exortar o povo, anunciando que Deus irá intervir nessa situação desoladora. Sua mensagem é de consolação: o profeta fala de novo êxodo para a Terra Prometida; é o convite para sair dessa situação de tristeza, pois é tempo de fazer a passagem da desolação para a consolação. Deus irá reconstruir e restaurar Jerusalém; ele não esquece nem abandona seu povo em situação de ruína.

Para reavivar a esperança do povo, o profeta o convida a contemplar a realidade concreta da cidade de Jerusalém devastada. Somente Deus é capaz de reconstruí-la, mas o povo tem de retomar sua escolha de ser fiel ao Senhor. Por isso, de forma poética, Isaías põe as sentinelas da cidade em alerta. O mensageiro da paz vem; seu grito de alegria soará em todos os cantos da cidade. Não é um grito de terror, mas de júbilo. A alegria da salvação que Deus oferece será plena e total. Essa alegria contagiara a todos. Até as pedras irão se contagiar com esse contentamento. Em vista disso, Israel deve abrir seu coração e festejar a chegada

do mensageiro de Deus. Para perceber o novo tempo que se aproxima, é necessário fazer uma leitura atenta dos sinais de sua presença e uma renovação de vida. O Senhor Deus é o único rei de Israel; somente ele dirige e governa seu povo. Portanto, suas leis e preceitos são o caminho para a reconstrução da paz.

2. II leitura (Hb 1,1-6)

O autor da segunda leitura é um cristão anônimo que se dirige aos hebreus, grupo que provavelmente era a grande maioria nas comunidades cristãs providas do judaísmo. Porém, o título ou palavra “hebreus” é muito raro no Novo Testamento. Em todo caso, trata-se de cristãos em situação difícil, expostos à perseguição, vivendo num ambiente hostil à fé cristã. São fiéis que enfrentam uma situação de desalento, o que justifica o desânimo e a perda do fervor. É nesse contexto que o autor exorta a comunidade a testemunhar sua fé em Jesus Cristo, procurando retomar a radicalidade inicial de seu compromisso cristão e tendo, diante de si, o único sacerdote: Jesus Cristo, o Filho de Deus.

O texto alude ao projeto salvífico de Deus, que, de muitos modos, falou ao povo por meio dos patriarcas, matriarcas, profetas e, por último, por meio de seu Filho. Assim, recorda, de forma breve, toda a história da salvação. A última etapa dessa história é inaugurada por Jesus Cristo, Palavra plena, definitiva, perfeita, mediante a qual Deus vem ao nosso encontro para nos apontar o caminho da salvação e da vida em plenitude.

O autor da carta apresenta Jesus como o Filho de Deus, imagem perfeita do Pai amoroso e misericordioso. Jesus tornou visível, em plenitude, o rosto do Pai, pois procede dele. Como Jesus mesmo disse, quem o vê, vê o Pai. O Filho está na origem do universo, por isso o cristão é chamado a reconhecer

COMUNICAR PARA HUMANIZAR

A COMUNICAÇÃO A PARTIR DO PAPA FRANCISCO

Marcus Tullius (org.)



CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Lançado em 2023, em comemoração ao décimo ano do pontificado do papa Francisco, este livro reúne suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações. Inclui comentários de profissionais cristãos engajados na comunicação pastoral e acadêmica.



ADQUIRA
JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

seu senhorio. Essa soberania se expressa, de forma plena, na encarnação e na redenção por sua morte na cruz. Ele completou a obra começada no início da criação; por conseguinte, aqueles que o seguem devem acolhê-lo como o único Salvador, como caminho de vida eterna.

3. Evangelho (Jo 1,1-5.9-14)

O texto evangélico da missa do dia de Natal é retirado do prólogo do Evangelho segundo João, que começa com a expressão “no princípio”, com a qual o evangelista estabelece uma relação de continuidade entre o relato da criação e o da obra redentora concluída por Jesus, interpretando toda a história da salvação. Desse modo, tudo aquilo que o evangelista vai narrar sobre Jesus está em relação com a obra criadora de Deus. A missão de Jesus consiste em levar à plenitude a obra da criação iniciada por Deus “no princípio”.

Na visão do quarto Evangelho, a Palavra de Deus outrora dirigida à humanidade, com a qual Deus falou por meio da Lei e dos Profetas, não passava de expressão parcial da plenitude. Pela encarnação da Palavra, Jesus Cristo, chega-se a conhecer a verdadeira imagem de Deus, diante da qual todas as demais se tornam fragmentadas e imperfeitas, pois a Palavra já não é apenas algo dito ou escrito, mas sim uma pessoa: Jesus. A expressão “verbo” (*logos*), usada pelo evangelista, é a mesma que se usa em muitas passagens do Antigo Testamento, quando se menciona a palavra ou mensagem de Deus dirigida aos profetas. Nos textos proféticos, porém, “verbo” é usado como palavra dirigida a alguém escolhido por Deus. Agora, a Palavra não é dirigida, mas se faz carne e habita entre nós.

Essa Palavra vem ao encontro da humanidade. A tenda, símbolo muito conhecido dos ouvintes de João, indica a presença de Deus no meio do povo. O termo recorda

o lugar de encontro de Deus com seu povo no deserto. Agora, a tenda de Deus, o lugar em que ele habita no meio do povo, é Jesus. É o encontro com sua pessoa que traz luz e vida para a humanidade. Encontrar-se com Jesus significa romper com todas as situações de trevas, de pecado e de escravidão. Acolher essa Palavra em nós, para João, significa ter vida em plenitude. É caminhar na luz e abandonar todas as formas de egoísmo, mentira e injustiça que ameaçam a vida. Toda a obra de Jesus consiste em capacitar o ser humano para uma vida nova, como a que Deus ofereceu desde o princípio da criação.

A missão de Jesus, Palavra encarnada, é comunicar vida; e João a compara com a luz. Portanto, luz e vida são duas realidades profundamente relacionadas. A luz é, para a humanidade, sua orientação e guia, é o que lhe mostra a meta e para ela atrai. Na tradição rabínica, a luz era a Lei de Moisés. Para o evangelista, a luz que dá vida aos seres humanos é Jesus. Quem o conhece tem a vida em plenitude e caminha sob a luz da nova lei do amor.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A alegria das sentinelas atentas das montanhas ao redor de Jerusalém, a ponto de até as pedras bradarem de contentamento, é expressão de uma linguagem simbólico-profética usada para descrever os sinais precursores da chegada de Deus. Na verdade, o profeta nos convida a estarmos atentos e preparados para ler os sinais da chegada do Senhor. Ele vem para transformar realidades e atitudes que não promovem a vida. É essa alegria que nos anima, que reina em nossa cidade, neste dia em que celebramos a chegada libertadora de Jesus?

Celebrar o nascimento de Jesus é momento privilegiado de contemplar o amor misericordioso de Deus, que não abandona

a criatura humana nem dela se distancia. Pelo contrário, ele rompe todas as barreiras e distâncias para proporcionar nosso encontro com ele. O menino Jesus, que contemplamos no presépio, é a Palavra definitiva, revelada a toda a humanidade; é o verdadeiro caminho que conduz à salvação. Escutar e acolher essa Palavra é o critério fundamental que deve orientar nossas escolhas e atitudes. Jesus, Palavra viva do Pai enviada a este mundo, é, de fato, minha referência?

Em nossos dias, como no tempo em que João compôs seu Evangelho, Jesus, a Palavra encarnada do Pai, continua a confrontar os sistemas que destroem a vida das pessoas e de toda a obra criada por Deus, para eliminar, na sua origem, as forças avassaladoras da morte. Acolher essa Palavra, que veio armar sua tenda no meio de nós, exige compromisso diante das forças do mal que ameaçam a vida em nosso planeta. Jesus é a luz que brilha em meio às trevas e hoje nos convida a manter viva a chama do amor que ele veio acender.

SAGRADA FAMÍLIA
DE JESUS, MARIA E JOSÉ (ZAS)
28 de dezembro

**“Amai-vos uns aos outros,
pois o amor é o vínculo da
perfeição” (Cl 3,14)**

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras desta festa da Sagrada Família nos convidam ao amor para com nossos pais e ao amor no nosso ambiente familiar (I e II leituras). O Evangelho apresenta as dificuldades que a família de Jesus experimentou por manter-se fiel ao plano de Deus. Nossas famílias, semelhantemente, vivem inúmeras dificuldades, mas também momentos carregados de ternura, de alegria, de solidariedade. Assim, em todos esses momentos, possamos ouvir ecoar

dentro de nós as exortações à comunidade de Colossas, descritas na I leitura: “ revesti-vos de sincera misericórdia, bondade, humildade, mansidão e paciência, suportando-vos uns aos outros e perdoado-vos mutuamente. [...]. Mas, sobretudo, amai-vos uns aos outros”.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Eclo 3,3-7.14-17a)

Eclo 3,3-7.14-17a é um comentário detalhado do quarto mandamento: “Honra teu pai e tua mãe” (Ex 20,12 e Dt 5,16). Inicialmente, percebe-se que há uma igualdade de tratamento tanto para o pai como para a mãe.

O autor recomenda aos filhos, tanto os jovens como os adultos, que tenham carinho e respeito para com seus pais, pois é necessário honrar pai e mãe (v. 3-5), respeitá-los (v. 7), não abandonar o pai (v. 16) e consolar a mãe (v. 6). O dom que os pais podem fazer pelos filhos é dar-lhes sua bênção (v. 8-9), fonte de prosperidade e fecundidade. Entre as promessas dadas aos filhos em virtude do cuidado com seus pais, ressalta-se o perdão dos pecados (v. 3.15). As outras promessas são: acumular tesouros (v. 4), alegria com relação aos filhos (v. 5), vida longa (v. 6), oração atendida (v. 5). Aqueles, porém, que abandonam seus pais são considerados blasfemadores e malditos (v. 16).

2. II leitura (Cl 3,12-21)

A carta aos Colossenses é chamada deuteropaulina. É atribuída a Paulo, mas não foi escrita por ele. Provavelmente foi escrita por um discípulo ou por um líder da comunidade de Colossas.

Colossenses 3,12-21 traz o chamado código doméstico, que objetiva delinear as atitudes fundamentais dos membros da comunidade cristã, também quanto às

relações familiares. Essas exortações, alicerçadas na ação salvífica realizada por Jesus, visam criar um mundo renovado, uma nova humanidade. Desse modo, os membros da comunidade são exortados a viver o amor fraterno, a paz, a serem assíduos à escuta da Palavra e a descobrir na história e na vida a realização do projeto salvífico de Deus, que se identifica com sua vontade. São, portanto, chamados a estabelecer novas relações, assumir nova mentalidade, novo estilo de vida. Esse novo estilo de vida é esboçado em Cl 3.

Os versículos escolhidos para a celebração desta festa da Sagrada Família (v. 12-21) destacam, primeiramente: recuperar a imagem de Deus, retomar a relação com Jesus Cristo, resgatar a aliança com Deus (v. 12), estabelecer nova relação com o outro, vivendo em comunhão e em fraternidade (v. 12-13). Essa mudança nos conduz à vivência da caridade e da sabedoria. A caridade é o vínculo da perfeição, entendida no sentido de atingir a meta, chegar àquilo que almejamos: a plenificação do nosso amor, vivendo profundamente em comunhão com Deus e com o outro. Podemos também entender essa expressão numa perspectiva pascal, ou seja: a caridade identifica-se com o amor salvífico revelado em Cristo.

A sabedoria, em Cl 3,16, é apresentada como a faculdade de discernir e de julgar as situações e os acontecimentos. Em Cl 2,18, agir com sabedoria é agir moralmente. De fato, o texto sugere ser necessário orientar nossas decisões para a opção fundamental por Jesus Cristo. Essa opção, marcada pela caridade e pela sabedoria, transforma nosso modo de pensar e de agir e contribui para melhor discernirmos qual é a vontade divina em todas as circunstâncias, sendo este o verdadeiro culto a Deus. Nesse contexto, são inseridos os preceitos particulares e domésticos, influenciados pelo ambiente cultural greco-romano, mas também com várias

características do modelo judeu-helenista. A novidade dessas normas está em fundamentá-las na experiência cristã, na experiência profunda com Jesus Cristo.

A primeira regra é dirigida às esposas, chamadas a serem “solícitas” para com seus maridos, ou seja, a cuidar deles, cultivando um relacionamento de respeito, carinho, ternura, delicadeza, marcado pelo diálogo, pelo perdão, pelo compartilhamento de momentos de alegria e de tristeza. O “submeter-se” – outra tradução possível para “ser solícito” – também pode ser interpretado como renunciar a determinadas atitudes para a edificação da família, trilhar o caminho do amor, com suas exigências, e enfrentar as fragilidades. De fato, todo relacionamento está sujeito às vicissitudes do dia a dia – problemas econômicos, de estabilidade, experiências dolorosas, conflitos, alegrias, sonhos, esperança –, sendo algo construído constantemente. Solicitude significa compreender que o amor é um dom e consiste em aprender a promover a vida do outro. Submeter-se é renunciar aos muitos desejos egoístas para estabelecer profundos laços de comunicação interpessoal. Submeter-se no amor é suportar o outro, carregando sua fragilidade, sendo solidário na sua dor, mas sobretudo se alegrando com suas vitórias. A ideia de “submeter-se”, nesse texto, não pode ser interpretada como submissão sexual ou total ao marido, pois, se fosse essa a intenção, a carta não exortaria os maridos a amar suas esposas como Deus ama seu povo. Nesse sentido, o amor à esposa tem como fundamento o amor gratuito de Deus, manifestado em Cristo, que exclui qualquer tipo de submissão (cf. 1Cor 13,1-13).

Os maridos são exortados a expressar seu amor por suas esposas, pois é importante para elas ouvir que são amadas, valorizadas, reconhecidas por aquilo que são. A expressão do amor também ocorre por meio de gestos de ternura, de compreensão, de aconchego,

de proteção, de solidariedade, bem como pela fidelidade. Amar supõe ainda a capacidade de renunciar ao poder de submeter o outro, à posse do outro, à satisfação pessoal em detrimento do outro.

Os pais são convidados a não irritar seus filhos. Isso significa acolhê-los, animá-los em seus empreendimentos, alegrando-se com suas conquistas, consolá-los diante dos erros e fracassos, orientá-los em suas decisões e ter paciência com seu processo.

3. Evangelho (Mt 2,13-15.19-23)

O texto se inicia com a aparição de um mensageiro a José, o que pode ser interpretado como a presença de Deus junto a Jesus e sua proteção sobre ele nos momentos de maior perigo e dificuldade. O mensageiro ordena que José fuja para o Egito com Maria e com Jesus, pois Herodes deseja matar o menino. Essa frase nos remete à história de José do Egito (Gn 37-41), mas também à experiência exodal e às narrativas de Moisés. O interessante é que, se o Egito era visto como o lugar da escravidão e da opressão, em Mt 2,13 ele constitui o lugar de refúgio para Jesus, que assim escapa do projeto opressor de Herodes. A finalidade da fuga expressa a dura realidade de Jerusalém: paradoxalmente, a terra da promessa, escolhida por Deus, tornou-se lugar da opressão, da morte, totalmente contrário aos planos divinos, ao projeto messiânico.

Mateus 2,14-15 retrata a total docilidade de José, que sem demora realiza o que lhe foi confiado por Deus, sendo totalmente obediente à vontade divina. O amor maternal de Deus para com Jesus é expresso por meio da citação de Os 11,1. A escolha dessa citação profética aponta para a relação filial de Jesus com o Pai e indica que seu retorno do Egito para a terra prometida deve ser relido como um novo êxodo, no qual Jesus estabelecerá uma nova aliança, libertando Israel de todo tipo de opressão e anunciando a vontade do Pai.

POR QUE SOIS TÃO MEDROSOS? AINDA NÃO TENDES FÉ?

Papa Francisco



Este livro reúne o magistério do papa Francisco durante a pandemia, a partir da histórica oração na praça São Pedro, em março de 2020. Traz mensagens sobre conversão, cuidado com os mais frágeis e compromisso com a Casa Comum.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Após a morte do opressor, surge a oportunidade de voltar a Israel (v. 19), revivendo a esperança experimentada no êxodo e no retorno do exílio. Esse dado sinaliza que Jesus será aquele que libertará o povo, sempre anunciando um novo começo, uma restauração, que não irá acontecer nos grandes centros do poder religioso, político e social, na Judeia, mas sim na periferia, a começar de uma cidade insignificante. Essa escolha indica que faz parte do plano de Deus começar a libertação pela periferia (v. 23).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O Evangelho e as leituras nos convidam à delicadeza no trato com as pessoas. Nas I e II leituras, essa delicadeza é incentivada a se exprimir em relações familiares marcadas pelo amor, pela solidariedade, pelo respeito e pela fidelidade. No Evangelho, a delicadeza aparece na atitude de José de seguir o plano de Deus. Assim, somos desafiados a nos perguntar: como estou vivendo essa delicadeza na relação com as pessoas?

Somos também convidados a refletir sobre as palavras do papa Francisco em sua exortação *Amoris Laetitia*, n. 30:

Cada família tem diante de si o ícone da família de Nazaré, com o seu dia a dia feito de fadigas e até de pesadelos, como quando teve que sofrer a violência incompreensível de Herodes. Experiência que ainda hoje se repete tragicamente em muitas famílias de refugiados descartados. Como os Magos, as famílias são convidadas a contemplar o Menino com sua Mãe, a prostrar-se e adorá-lo (Mt 2,11). Como Maria, são exortadas a viver, com coragem e serenidade, os desafios familiares tristes e entusiasmantes, e a guardar e meditar no coração as maravilhas de Deus (Lc 2,19.51). No tesouro do coração de Maria, estão também todos os acontecimentos de cada uma das nossas famílias, que ela guarda solícitamente.

vp

VAMOS SONHAR JUNTOS

Papa Francisco



A obra é um apelo do papa Francisco por um mundo mais justo após a pandemia. Mostra que, unidos, podemos transformar a crise em oportunidade de mudança. Um convite à solidariedade, ao serviço e à construção de um futuro melhor para todos.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

VIVA A CORAGEM DA FÉ COM O *Papa Francisco*

“ Não tenham medo: se o Senhor os chama para este ministério, sigam-no! Vocês participarão da mesma missão de Jesus de proclamar seu Evangelho.”

(Papa Francisco)

O Pai-nosso;
os Atos dos Apóstolos;
as bem-aventuranças;
a cura do mundo;
a oração; a carta aos
Gálatas; São José

A misericórdia;
a esperança cristã;
a santa missa;
os mandamentos

A profissão de fé;
os sacramentos;
os dons do Espírito Santo;
a Igreja; a família



**COMPRA
AGORA!**



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



COLEÇÃO MAGISTÉRIO DO *Papa Francisco*

“Deixemo-nos renovar pela misericórdia de Deus,
deixemo-nos amar por Jesus.”

(Papa Francisco)

NATAL E PÁSCOA (*URBI ET ORBI*);
DIA MUNDIAL DA PAZ
DIA MUNDIAL DA VIDA CONSAGRADA
DIA MUNDIAL DO DOENTE
MENSAGEM PARA A QUARESMA
DIA MUNDIAL DA JUVENTUDE

DIA MUNDIAL DE ORAÇÕES PELAS VOCAÇÕES
DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS
DIA MUNDIAL DOS AVÓS E DOS IDOSOS
DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO
DIA MUNDIAL DA ALIMENTAÇÃO
DIA MUNDIAL DAS MISSÕES
DIA MUNDIAL DOS POBRES



**COMPRE
AGORA!**



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

FORMAÇÃO QUE CABE NA SUA ROTINA

Leve para casa o sorriso do papa Francisco e descubra,
em linguagem simples, os tesouros da Igreja.
Documentos acessíveis que unem o legado
do "papa do povo" aos séculos de
ensinamentos católicos.



**GARANTA JÁ OS
ENSINAMENTOS QUE
VÃO TRANSFORMAR
O SEU DIA A DIA DE FÉ!**



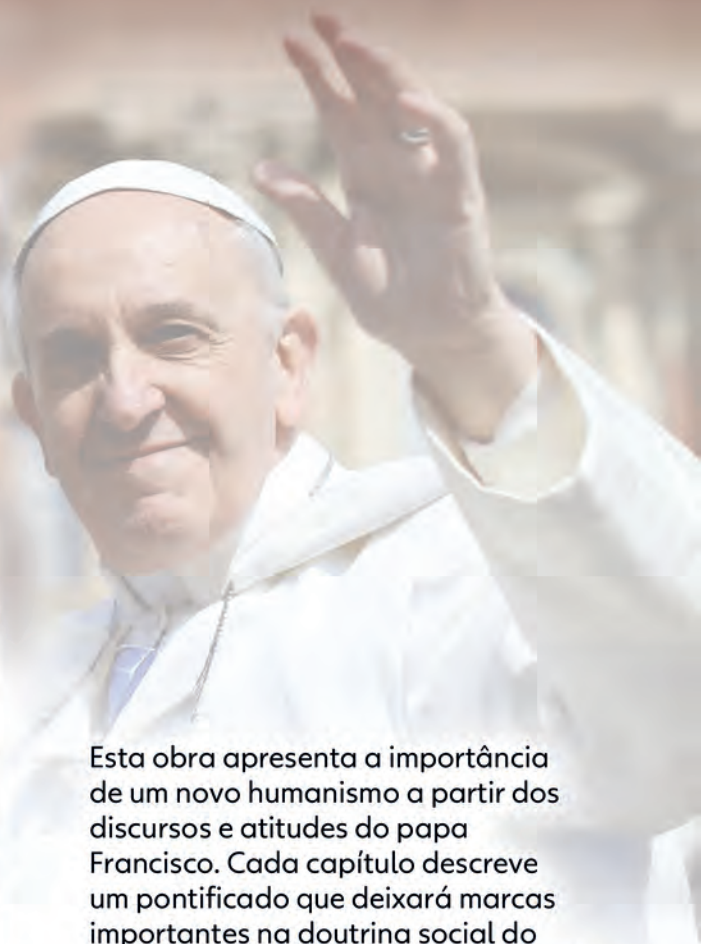
loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



**COMPRE
AGORA**

O NOVO HUMANISMO

Paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do papa Francisco



Esta obra apresenta a importância de um novo humanismo a partir dos discursos e atitudes do papa Francisco. Cada capítulo descreve um pontificado que deixará marcas importantes na doutrina social do catolicismo. O papa Francisco aponta para a importância de sermos mais humanos e de colocarmos no centro das nossas ações todas as formas de vida.

Trecho da obra - O Novo Humanismo



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @editorapaulus



**COMPRE
AGORA**

SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA, FERNANDO BULHÕES,
SANTO ANTÔNIO OU SIMPLEMENTE O
SANTO CASAMENTEIRO?

Antônio secreto

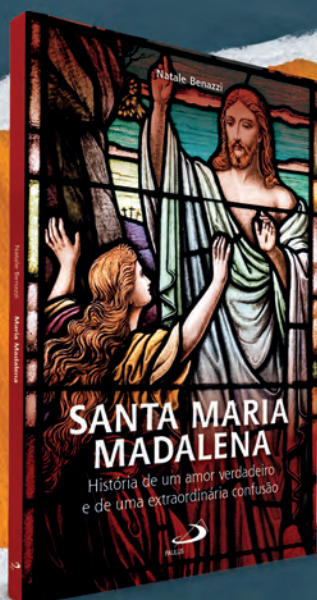


Um romance histórico que revela a vida de Santo Antônio, seus dilemas e sua luta contra a ganância e a prepotência. Muito mais do que um santo casamenteiro, descubra sua verdadeira força e espiritualidade em uma narrativa envolvente e cativante!



**ADQUIRA
JÁ**

Chegou a hora de conhecer a
face escondida de *Maria Madalena*.



Durante séculos, **sua história foi distorcida, sua identidade confundida, sua voz silenciada.** Maria Madalena foi reduzida a lendas e rumores, **mas a verdade grita por liberdade.**



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @ @ @editorapaulus



**ADQUIRA
JÁ**